



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM AGRONOMIA



**A PERCEÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE AGRONOMIA DA
UFSC FORMADOS NA ÚLTIMA DÉCADA EM RELAÇÃO À SUA
FORMAÇÃO ACADÊMICA E AO MERCADO DE TRABALHO.**

Anderson Luiz Romão

Florianópolis
Novembro/2013

Anderson Luiz Romão

**A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE AGRONOMIA DA
UFSC FORMADOS NA ÚLTIMA DÉCADA EM RELAÇÃO À SUA
FORMAÇÃO ACADÊMICA E AO MERCADO DE TRABALHO.**

Relatório de estágio apresentado em forma de TCC ao curso de Graduação em Agronomia, do Centro de Ciências Agrárias, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Engenheiro Agrônomo.

Orientador: Oscar José Rover

Supervisor: José Francisco Danilo De Guadalupe Correa Fletes

Empresa: Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis - SC

2013

Anderson Luiz Romão

**A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE AGRONOMIA DA
UFSC FORMADOS NA ÚLTIMA DÉCADA EM RELAÇÃO À SUA
FORMAÇÃO ACADÊMICA E AO MERCADO DE TRABALHO.**

Relatório de estágio apresentado em forma de TCC ao curso de Graduação em Agronomia, do Centro de Ciências Agrárias, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Engenheiro Agrônomo.

Florianópolis, 26 de novembro de 2013

BANCA EXAMINADORA

Professor Oscar José Rover
Universidade Federal de Santa Catarina

Professor José Francisco Danilo De Guadalupe Correa Fletes
Universidade Federal de Santa Catarina

Engenheiro Agrônomo Glauco Olinger

Florianópolis - SC

2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha esposa Marseli, aos meus filhos Julia, Jorge e Pedro, alicerces da minha vida e motivação para transpor todos os obstáculos.

Ao meu pai Paulo, à minha mãe Rita, aos meus irmãos Janaína, João Paulo e Luana, incondicionais incentivadores.

À minha sogra Irma, zeladora de nosso lar e guardiã de meus filhos.

Por fim, aos meus familiares e amigos, por acreditarem de que esta realização seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Oxalá e todos os Orixás por conceder-me humildade para aprender, sabedoria para discernir, e clareza para caminhar nesta árdua estrada acadêmica.

Ao meu Mestre José Francisco Danilo De Guadalupe Correa Fletes, por acreditar em meu potencial e ideais, compartilhando sua experiência e ajudando-me a vivenciar as minhas.

Ao meu orientador Oscar José Rover, pelo aceite à orientação, e por viabilizar este trabalho por meio de seu laboratório.

À Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade de cursar uma graduação pública e de qualidade.

Aos docentes do curso, responsáveis diretos por minha formação.

Aos colegas de turma, em especial aos meus amigos Elton Luiz Pedroso e Marlon Cristiano de Borba, pelo apoio ao longo de todo o curso.

Ao agricultor Evaldo Hantum e sua filha Marise, por compartilharem toda sua vivência da agricultura em meu Estágio de Vivência no município de Canoinhas/SC.

Ao Engenheiro Agrônomo Glauco Olinger, pelo aceite em participar da Banca Examinadora.

À todos os egressos que participaram e contribuíram à pesquisa, viabilizando este trabalho.

Enfim, a todos que contribuíram, direta e indiretamente, à realização deste trabalho.

“Nosso medo mais profundo não é que sejamos inadequados. Nosso medo mais profundo é que sejamos poderosos demais. É nossa sabedoria, não nossa ignorância, o que mais nos apavora. Perguntamo-nos: “Quem sou eu para ser brilhante, belo, talentoso, fabuloso?” Na verdade, por que você não seria? Você é um filho de Deus. Seu medo não serve ao mundo. Não há nada de iluminado em se diminuir para que outras pessoas não se sintam inseguras perto de você. Nascemos para expressar a glória de Deus que há em nós. Ela não está em apenas alguns de nós; está em todas as pessoas. E quando deixamos que essa nossa luz brilhe, inconscientemente permitimos que outras pessoas façam o mesmo. Quando nos libertamos de nosso medo, nossa presença automaticamente liberta as outras pessoas.”

(Nelson Mandela)

RESUMO

A relação população/recursos ressurgiu como tema de fundamental importância na atualidade. Traz à tona um velho debate que permeia a sociedade: a relação entre o crescimento populacional e os recursos naturais. Neste cenário, os cursos de Agronomia, necessitam avaliar constantemente se a formação oferecida está adequada à realidade em que estão inseridos. O objetivo deste estudo consiste em investigar a percepção dos egressos formados na última década, estabelecendo seu perfil socioeconômico, avaliando sua trajetória e suas experiências profissionais, conhecendo as áreas de atuação e demandas de mercado, analisando seu embasamento conceitual, identificando se as propostas do Projeto Pedagógico do Curso representam as necessidades relativas ao exercício profissional. Desta forma, a pesquisa caracterizou-se como descritiva, com aplicação de questionário por meio eletrônico. As análises dos dados ocorreram de forma qualitativa e quantitativa, por meio do software SEstatNet. No que tange à percepção dos egressos sobre sua formação, identificou-se que aproximadamente 63% não consideravam-se preparados para o mercado de trabalho quando se formaram, principalmente em relação aos conteúdos práticos, onde 35% dos entrevistados consideraram que as disciplinas profissionalizantes não contribuíram para o seu desempenho profissional, e 61% avaliaram como ruim ou péssimo o espaço físico destinado às aulas práticas, enfatizando a necessidade do curso em dispor de mais atividades extracurriculares. Em contrapartida, constatou-se que a proposta do curso de investir em diretrizes com o viés de sustentabilidade no desenvolvimento profissional de seus acadêmicos, apresenta resultados positivos, pois 67% dos egressos consideraram-se bem ou muito bem recebidos pelo mercado de trabalho em virtude da instituição, e em comparação com profissionais de outras instituições, este percentual sobe para 71%. Quanto ao mercado, 60% dos egressos atuam em sua área de formação, 23% continuam os estudos e 17% não atuam na profissão.

Palavras-chave: Agronomia, formação acadêmica, mercado de trabalho.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Conclusão do curso (ano/semestre) dos egressos de Agronomia da UFSC: AMOSTRA.	33
Gráfico 1.1 – Conclusão do curso (ano/semestre) dos egressos de Agronomia da UFSC: UNIVERSO AMOSTRAL.	33
Gráfico 2 – Etnia dos egressos de Agronomia da UFSC.....	34
Gráfico 3 – Naturalidade dos egressos de Agronomia da UFSC.....	35
Gráfico 4 – Tipo de instituição que os egressos de Agronomia da UFSC cursaram o segundo grau.....	35
Gráfico 5 – Ocupação do pai dos egressos de Agronomia da UFSC.....	36
Gráfico 6 – Ocupação da mãe dos egressos de Agronomia da UFSC.....	37
Gráfico 7 – Renda mensal dos egressos de Agronomia da UFSC.	38
Gráfico 8 – Renda mensal dos egressos de Agronomia da UFSC, segundo o gênero.	38
Gráfico 9 – Motivo de escolha do curso dos egressos de Agronomia da UFSC.	39
Gráfico 10 – Cursos de graduação citados pelos egressos que não tinham Agronomia como primeira opção.	40
Gráfico 11 – Atividades desenvolvidas pelos egressos de Agronomia da UFSC durante a graduação.	40
Gráfico 12 – Avaliação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto a sua dedicação aos estudos durante a graduação.	41
Gráfico 13 – Avaliação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto a sua assiduidade e pontualidade às aulas durante a graduação.	41
Gráfico 14 – Avaliação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao seu envolvimento nas atividades (projetos, consultas, bibliografias, trabalhos, etc.) durante a graduação.	42
Gráfico 15 – Auto avaliação como aluno dos egressos de Agronomia da UFSC durante a graduação.	42
Gráfico 16 – Realização de cursos de pós graduação pelo egressos de Agronomia da UFSC segundo o gênero.	43
Gráfico 17 – Nível do último cursos de pós graduação realizado pelo egressos de Agronomia da UFSC segundo o gênero.	44
Gráfico 18 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao seu preparo para o mercado de trabalho quando formou.	45
Gráfico 19 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC da contribuição das disciplinas profissionalizantes no seu desempenho profissional.	48
Gráfico 20 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram aos professores do curso.	54
Gráfico 21 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram a biblioteca setorial do CCA.	55

Gráfico 22 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram ao espaço físico para aulas práticas.	56
Gráfico 23 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram ao curso que concluíram.	56
Gráfico 24 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram a instituição UFSC.	57
Gráfico 25 – Vínculo que os egressos de Agronomia da UFSC mantêm com a instituição UFSC.	57
Gráfico 26 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao acolhimento do mercado de trabalho ao profissional oriundo da UFSC.	58
Gráfico 27 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC quando comparado a profissionais de outras instituições, referente a sua formação acadêmica.	58
Gráfico 28 – Egressos de Agronomia da UFSC que escolheriam novamente a UFSC para realizar seu curso.	59
Gráfico 29 – Atividade profissional exercida pelos egressos de Agronomia da UFSC atualmente.	62
Gráfico 30 – Atividade profissional exercida pelos egressos de Agronomia da UFSC atualmente, segundo o gênero.	63
Gráfico 31 – Motivo pelo qual os egressos de Agronomia da UFSC não estão exercendo atividade profissional na área de formação.	63
Gráfico 32 – Tempo que houve entre a formatura e o início da atividade profissional dos egressos de Agronomia da UFSC.	64
Gráfico 33 – Circunstâncias em que os egressos de Agronomia da UFSC obtiveram seu trabalho.	64
Gráfico 34 – Circunstâncias em que os egressos de Agronomia da UFSC obtiveram seu trabalho.	65
Gráfico 35 – Áreas de atuação dos egressos de Agronomia da UFSC.	66
Gráfico 36 – Nível de satisfação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao aspecto financeiro, segundo o gênero.	67
Gráfico 37 – Nível de satisfação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao aspecto social, segundo o gênero.	67
Gráfico 38 – Avaliação da perspectiva profissional dos egressos de Agronomia da UFSC na sua área de atuação.	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Percentual de egresso de Agronomia da UFSC que dominam outro idioma, segundo o nível.....	44
Tabela 2 – Áreas/disciplinas que se destacaram na formação dos egressos de Agronomia da UFSC.	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC - Acre

BR - Brasil

CCA - Centro de Ciências Agrárias

CONFEA - Conselho Federal de Engenharia e Agronomia

CREA - Conselho Regional de Engenharia e Agronomia

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

ESALQ - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

FEAB - Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil

IAASTD - Avaliação Internacional da Ciência e Tecnologia da Agricultura para o Desenvolvimento

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICEPA - Instituto de Planejamento e Economia Agrícola

IES - Instituição de Ensino Superior

LACAF - Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MA - Maranhão

MG - Minas Gerais

MT - Mato Grosso

ONG - Organização não governamental

PAA - Programa de Ações Afirmativas

PD&I - Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação

PPC - Projeto Pedagógico de Curso

PR - Paraná

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRV - Pastoreio Racional Voisin

RS - Rio Grande do Sul

SC - Santa Catarina

SM - Salário Mínimo

SP - São Paulo

UFLA - Universidade Federal de Lavras

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFV - Universidade Federal de Viçosa

USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 Tema e Problema	12
1.2 Objetivos da Pesquisa	13
1.3 Justificativa	13
1.4 Metodologia	15
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1 Instituições de Ensino Superior	19
2.2 Processo de Ensino-Aprendizagem	22
2.3 O Professor no Processo de Ensino-Aprendizagem.....	23
2.4 A universidade, o professor e o processo de ensino-aprendizagem..	24
2.5 O perfil do Engenheiro Agrônomo da UFSC.....	27
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	32
3.1 O perfil sócio econômico dos egressos.....	32
3.2 A percepção dos egressos quanto a sua formação.....	39
3.3 A percepção dos egressos quanto ao curso e a instituição.....	45
3.4 A atuação profissional dos egressos.....	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73
ANEXO	76

1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo aborda-se inicialmente o tema e o problema do estudo que consiste em uma pesquisa com egressos do curso de agronomia e a sua percepção em relação à graduação e ao mercado de trabalho. Em seguida, evidenciam-se o objetivo geral e os específicos, seguidos pela justificativa do trabalho, onde apresenta-se a relevância do estudo, e por último, a metodologia da pesquisa e a fundamentação teórica utilizada para sua elaboração que norteia a elaboração deste trabalho.

1.1 Tema e Problema

A formação do agrônomo está, ao longo de sua história, intimamente ligada ao processo de transformação da agricultura. Por isso, quando se questiona a formação deste profissional e as mudanças por ela sofrida, não podemos deixar de associá-las às mudanças da própria agricultura.

A primeira grande aproximação do conhecimento da realidade agrícola mundial foi obtida nesta década com a realização da Avaliação Internacional da Ciência e Tecnologia da Agricultura para o Desenvolvimento (IAASTD). O IAASTD discutiu assuntos críticos e forneceu informações para que os tomadores de decisão confrontem visões conflitantes de tópicos como consequências ambientais do aumento da produtividade, impactos na saúde humana e no meio ambiente de plantas transgênicas, as consequências da produção de bioenergia, bem como as implicações das mudanças climáticas na produção agrícola. A principal conclusão foi a de que o modelo até então adotado nestes últimos 50 anos não é uma opção (*business as usual is not an option*).

Atualmente, o objetivo geral do Curso de Agronomia da UFSC é formar um Engenheiro Agrônomo com sólido conhecimento técnico-científico e responsabilidade social, com capacidade de concepção, a partir de uma visão holística, e apto a aplicar princípios e processos ecológicos no desenho e no manejo de agroecossistemas, de forma a torná-los produtivos e ambientalmente sustentáveis. Enfim, um Agrônomo comprometido com uma nova agricultura,

agora em harmonia, e não dissociada, com o meio ambiente e com os agricultores.

O grande questionamento é: o curso de Agronomia está tendo êxito na formação dos seus egressos? Esses egressos estão atendendo as demandas da sociedade quanto as problemáticas atuais? Há um instrumento capaz de mensurar esta relação do egresso com a sociedade? Estas são questões que a presente pesquisa pretende ajudar a responder.

1.2 Objetivos da Pesquisa

Neste contexto, o presente trabalho têm por objetivo investigar a percepção dos egressos do Curso de Agronomia da UFSC entre os anos de 2003 a 2012, estabelecendo seu perfil socioeconômico, avaliando sua trajetória e suas experiências profissionais, conhecendo as áreas de atuação e demandas de mercado a que foram submetidos, analisando seu embasamento conceitual, identificando se as propostas do Projeto Pedagógico do Curso representam as necessidades relativas ao exercício profissional.

1.3 Justificativa

A Universidade é galgada em um tripé de serviços: ensino, pesquisa e extensão. A pesquisa é auferida pela publicação de artigos em revistas científicas especializadas, onde os docentes são obrigados a emitir artigos regularmente para manter-se em grupos de pós-graduação, manter seus laboratórios de pesquisa e viabilizar bonificações e bolsas para melhorar sua remuneração. Este sistema de “produtividade” acaba desviando o foco dos docentes para a pesquisa, deixando o ensino em segundo plano. A extensão, corroborando com a pesquisa, é auferida por meio de projetos e pesquisas aplicadas, obedecendo as mesmas mazelas de “produtividade” em detrimento ao ensino. E como auferir o ensino?

Neste sentido destaca-se o papel das instituições de ensino superior, como responsáveis por formar profissionais para atender as demandas do mercado de

trabalho e satisfazer as necessidades da sociedade. Sendo assim, os gestores dos cursos de ciências agrárias precisam ficar atentos as mudanças que ocorrem no mercado de trabalho e na agricultura, a fim de adequarem suas ações para atender o perfil profissional exigido pela sociedade. Este perfil e as práticas de ensino-aprendizagem que serão adotadas para sua realização, encontram-se definidos no Projeto Pedagógico de Curso – PPC, elaborado por cada curso de graduação das instituições de ensino superior. O curso de Agronomia da UFSC define em seu PPC as propostas e ações a serem aplicadas visando formar profissionais que atendam ao perfil de egresso definido. Ao concluir a graduação, o profissional formado na Instituição deve:

ter valores humanísticos, princípios éticos, uma visão socioeconômica ampla (que inclui aspectos políticos e culturais) e uma visão socioambiental que o habilite a uma atuação crítica e criativa para o atendimento das demandas da sociedade, sem comprometer o ambiente e os recursos naturais nele contidos. Para tanto, o profissional necessitará de sólida formação técnico-científica (que o habilite a adaptar ou desenvolver tecnologias pertinentes); discernimento, senso crítico, criatividade, racionalidade, visão holística e da complexidade; capacidade de conceber, de comunicar-se e de agir para estabelecer uma relação de interação com os atores sociais de um território ou de uma cadeia produtiva, possibilitando-lhe integrar à contribuição ligada a sua especialidade profissional (o trabalho com preceitos e técnicas agrônomicas), a princípios ambientais e socioeconômicos que promovam a sustentabilidade e correspondam aos interesses de longo prazo da maioria da sociedade. (PPC, 2010).

Com isso, a elaboração deste estudo justifica-se, pois diante das informações coletadas, será possível comparar o cenário considerado ideal, definido no Projeto Pedagógico de Curso - PPC ao que foi diagnosticado por meio da pesquisa. Em relação à contribuição prática, esta pesquisa possibilita a coordenação do Curso em estudo, verificar a percepção dos egressos pesquisados sobre o mercado de trabalho e sobre a formação acadêmica que receberam, a qual pode ser utilizada para adequações na estrutura disciplinar e curricular. Permite aos acadêmicos adequar sua formação as demandas de

mercado, participando de maneira mais efetiva de grupos de pesquisa e extensão, estágios e atividades práticas, conferindo maior vivência da realidade rural. De maneira indireta, contribuirá com a sociedade, por meio de sugestões de melhorias no ensino superior, que se adotadas refletirão em melhores profissionais no mercado, aumentando a contribuição do ensino na solução das mazelas da sociedade.

1.4 Metodologia

A pesquisa foi viabilizada no Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar da UFSC, por meio de estágio obrigatório, no período de agosto a outubro de 2013. O estudo tem o objetivo de identificar os cenários e suas particularidades, e deve ser feito com muita atenção, assim desenvolvido, o resultado será o mais satisfatório possível. Para a elaboração da pesquisa foram eleitas variáveis, através destas foi identificado o nível de satisfação, podendo assim entender também um pouco mais os egressos do curso de Agronomia. Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (GIL, 2002, p.19).

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa caracteriza-se como descritiva, que tem por finalidade registrar, observar e analisar os métodos estudados, sendo assim, pode ser utilizada através de técnicas padronizadas de coleta de dados, entre elas, observação sistemática e questionário. As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob esse título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionários e observação sistemática (GIL, 2002, p.42). Neste caso, todo e qualquer procedimento realizado

na pesquisa, após passar por uma triagem será registrado de forma descritiva. O questionário utilizado para a identificação do conhecimento estará trazendo informações que depois de organizadas sistematicamente também constarão de forma descritiva. As técnicas usadas seguem um padrão, apenas serão descritos na pesquisa o que realmente desrespeito ao assunto e que percebido através das diversas formas de pesquisa, sem interferência particular do pesquisador.

A tipologia da pesquisa quanto aos procedimentos classifica-se como bibliográfica e de levantamento ou *survey*. A pesquisa bibliográfica pode ser definida como um dos meios usados para a busca de uma problematização em um projeto de pesquisa, ou seja, é uma pesquisa elaborada através de meios que já foram publicadas, constituída por uma enorme bagagem teórica sendo elas; livros, jornais, revistas, internet e etc., muito útil na elaboração dos trabalhos.

Nas palavras de Gil (2002, p.44) “A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais amplo do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Quanto ao levantamento ou *survey*, este foi realizado por meio da aplicação de questionários enviados via correio eletrônico aos egressos do Curso de Agronomia da UFSC dos anos de 2003 a 2012 e que possuíam e-mail cadastrado junto à coordenação do curso.

Encontra-se no instrumento de coleta de dados registradas as respostas e dados obtidos através de um documento onde são realizadas perguntas para as pessoas que participaram da pesquisa. Segundo ACKOFF (1972 apud RODRIGUES, 1994, p. 137), “Este tipo de instrumento torna-se eficiente quando se pode supor que os participantes conheçam seus interesses e estão dispostos a divulgá-los”. O questionário foi o meio de obter os conhecimentos para desenvolver soluções, foi aplicado de forma com contato direto aos egressos, com questões fechadas, de forma que se possa estabelecer procedimento para resolução restrita do problema estudado. Nas palavras de Luz (2003, p.39) “Questionário é a técnica mais utilizada nas pesquisas formais”.

O questionário é um instrumento científico, elaborado com um conjunto de perguntas criadas de forma precisa e de fácil preenchimento, a partir de sua aplicação é possível verificar e sanar os problemas existentes. Nas palavras de

Gil (2002, p.116) “A elaboração de um questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos”.

Quanto à abordagem do problema, caracteriza-se como qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa é representada através de uma descrição onde não há atribuição de números, é formulada através de entrevista não estruturada, ou seja, os dados exigem maior interpretação tendo assim um contato mais amplo entre o pesquisador e o entrevistado. Neste caso, incluem a descrição dos comportamentos observados, detalhamento e profundidade do assunto pesquisado, toda interpretação que tomada como realidade e que tem influência sobre o problema tem seu espaço na pesquisa qualitativa. O método quantitativo, “caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde as mais simples como percentual, médias, desvio-padrão, às mais complexas.” (RICHARDSON, 1999, p. 70).

Quanto ao universo amostral, o questionário foi enviado aos 635 egressos do curso de Agronomia da UFSC dos anos de 2003 a 2012, com perguntas fáceis e objetivas, com intenção de obter o real resultado. Foram abordadas as variáveis com o seguinte propósito: estabelecer o perfil socioeconômico; avaliar a trajetória do egresso na instituição e seu embasamento conceitual; conhecer a sua percepção quanto à instituição e descrever as áreas de atuação e demandas de mercado.

Segundo Mattar (2001, p.133) “Amostra é qualquer parte de uma população”. Quando o universo de investigação é geograficamente concentrado e pouco numeroso, convém que sejam pesquisados todos os elementos. Isto é importante para garantir a conscientização e a mobilização da população em torno da proposta de ação envolvida pela pesquisa. O presente estudo obteve uma amostra de 62 egressos no período de 2003 a 2012 do curso de Agronomia, sendo que dos 635 e-mails cadastrados junto à coordenação do curso, 107 estavam inativos.

Quanto ao tratamento dos dados obtidos, foram utilizados dois tipos de escala. A Escala Nominal compreendem números que são associados à resposta com o objetivo de identificar as categorias de respostas para facilitar a digitação, o processamento e a análise. Nas palavras de Mattar (2001.p.87) “Uma escala

nominal é aquela em que os números servem apenas para nomear, identificar e (ou) categorizar dados sobre pessoas, objetos ou fatos”.

1- Sim

2- Não

Nestas escalas, as respostas das pessoas são classificadas em duas ou mais categorias. É a mais simples das escalas (MATTAR, 2001.p.93).

A outra escala utilizada foi a de Likert, onde os entrevistados assinalam ou escrevem um número correspondente ao seu nível de concordância ou discordância com cada uma de uma série de afirmações que descrevem a atitude objeto da investigação.

1- Péssimo

2- Ruim

3- Regular

4- Bom

5- Ótimo

Segundo Malhotra (2001.p.255) “É uma escala de classificação amplamente utilizada, que exige que os entrevistados indiquem um grau de concordância ou discordância com cada uma de uma série de afirmações sobre objetos de estímulos”.

Os procedimentos e instrumentos metodológicos apresentados orientaram a pesquisa para que os objetivos propostos no trabalho fossem atingidos. A principal limitação da pesquisa foi falta de tempo e disponibilidade perante os egressos para a aplicação dos questionários, além da defasagem cadastral do correio eletrônico disponibilizado pela coordenação do curso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresenta-se a fundamentação teórica do trabalho, abordando temas referentes ao papel das instituições de ensino superior na capacitação dos profissionais de Agronomia, a importância do projeto pedagógico de curso das instituições de ensino, e as habilidades e competências necessárias aos profissionais de Agronomia.

2.1 Instituições de Ensino Superior

O mercado de trabalho, mediante as constantes transformações que enfrenta, busca por profissionais capacitados e que atendam suas necessidades. Nesse contexto, percebe-se a importância do papel das Instituições de Ensino Superior, como responsáveis por fornecer aos seus acadêmicos os conhecimentos necessários ao exercício das mais diversas atividades profissionais. Franco (1999, p. 89) complementa o exposto ao ressaltar que as instituições educacionais proveem educação nos diferentes níveis de ensino, sendo que seu “objetivo básico é o de prover informações aos estudantes de maneira adequada e desenvolver essa informação na forma de conhecimento básico, que eles poderão utilizar em sua carreira profissional.”

De acordo com Souza e Ortiz (2006, p. 122):

as instituições de ensino superior (IES) precisam estar atentas às necessidades de mudanças, e serem proativas na adaptação dos componentes de suas estruturas educacionais, permitindo uma rápida resposta às demandas de mercado para a formação de profissionais competentes.

Ressaltando a necessidade dos profissionais se manterem em constante processo de aprendizagem e evolução, Hernandez et al (2006) afirmam que o conhecimento deve ser buscado constantemente pelos indivíduos, podendo ser encontrado nas instituições de ensino superior, sejam elas faculdades, centros universitários ou universidades, públicas e privadas. De acordo com Rosella et al

(2006) as instituições de ensino superior classificam-se segundo a legislação em vigor em universidades, as quais também podem receber a tipificação de universidades especializadas; centros universitários, que também podem receber a tipificação de centros universitários especializados; faculdades integradas; faculdades; instituto superior ou escola superior; e centro de educação tecnológica. As instituições de ensino superior, tendo em vista o papel que exercem durante a capacitação dos acadêmicos, precisam voltar seus trabalhos para atender às necessidades atuais:

em um ambiente de alterações constantes e rápidas, bem como de muitas evoluções tecnológicas, é grande o volume de variáveis que afetam as organizações, e que trazem como consequência, dificuldades para o processo de gestão. As instituições de ensino superior devem estar atentas a essas mudanças, a fim de bem atender as demandas da sociedade em que se inserem. (ROSELLA et al, 2006, p. 19).

Referindo-se as universidades, Rosella et al (2006, p. 17) as define como “instituições pluridisciplinares, públicas ou privadas, de formação de quadros profissionais de nível superior, que desenvolvem atividades regulares de ensino, pesquisa e extensão”, diferentemente de outras instituições de ensino superior que focam somente no ensino, deixando de lado a pesquisa e a extensão. Além disso, para ser classificada como universidade, uma instituição de ensino superior precisa enquadrar-se dentro de normas definidas no Art. 52 da Lei no 9394/1996, que de acordo com Rosella et al (2006, p. 17) são:

- apresentarem produção intelectual decorrente do estudo sistemático de temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural quanto regional e nacional;
- possuírem um terço do corpo docente, pelo menos, com titulação acadêmica de mestrado ou doutorado;
- possuírem um terço do corpo docente em regime de tempo integral.

A universidade (ou qualquer instituição de ensino superior) é o local adequado para a construção de conhecimento, para a formação da competência humana. Sendo assim, diante do importante papel que possuem, precisam estar

atentas as necessidades apresentadas pela sociedade e pelo mercado de trabalho, e dirigir seus esforços a fim de atendê-las. A maior preocupação das universidades deve estar voltada para a qualidade do ensino que oferecem, e para tanto, devem avaliar constantemente o grau de capacitação dos profissionais que estão formando. Rosella et al (2006, p. 38) afirmam que:

o ensino superior deve propiciar aos seus egressos uma visão ampla, globalizante e crítica da realidade. Algumas funções do ensino superior são: produção e disseminação do conhecimento e da cultura, incentivo e desenvolvimento da investigação científica, educação dos novos indivíduos para a ciência e para a cultura, e o ensino de uma profissão.

Gil (2008) elucida que fatores como a carga horária destinada à disciplina; o ano ou semestre em que é ministrada; as disciplinas já cursadas pelo estudante, assim como as que são cursadas paralelamente; a qualidade dos recursos instrucionais; e o número de alunos em classe são variáveis que exercem influência direta sobre a qualidade do aprendizado. Além de definir o padrão de qualidade de ensino que deseja seguir, a instituição de ensino superior deve considerar outro elemento importante no cenário da educação, que diz respeito ao seu papel social. Nesse contexto, Souza e Ortiz (2006, p. 132) ressaltam que “no processo pedagógico é necessário definir o papel da instituição de ensino superior no contexto social, juntamente com a determinação do tipo de profissional que se pretende formar.” Desse modo, deve haver um diálogo contínuo entre essas instituições e órgãos profissionais, pois estes recebem os estudantes destas instituições e convertem-nos em profissionais para o futuro. Portanto, a qualidade do ensino oferecida por uma instituição de ensino superior está diretamente ligada ao nível de capacitação do seu egresso, pois este refletirá se as propostas pedagógicas adotadas contribuíram para formação de profissionais que atendam às exigências do mercado. Neste sentido destaca-se a importância do processo de ensino-aprendizagem na construção do conhecimento.

2.2 Processo de Ensino-Aprendizagem

Com o intuito de melhor compreensão do processo de ensino-aprendizagem é necessário primeiramente que se saiba qual o significado destas duas atividades separadamente. De acordo com Souza e Ortiz (2006, p. 133),

a aprendizagem é o processo de desenvolvimento do conhecimento, de como se aprende, e o processo de ensino é o conjunto de ações adotadas para se promover a aprendizagem. Um não existe sem o outro; a aprendizagem é o fim, o ensino é o meio. A conjunção desses fatores recebe o nome de processo de ensino-aprendizagem.

Teodoro et al (2003, p. 35) afirmam que ensinar e aprender são ações inerentes às experiências humanas. Ressaltam que “aprendemos quando introduzimos alterações na nossa forma de pensar e de agir, e ensinamos quando compartilhamos com o outro, ou em grupo, a nossa experiência e os saberes que vamos acumulando.”

Confirmando este pensamento, Souza e Ortiz (2006) acrescentam que o sucesso no processo de ensino aprendizagem está relacionado à compreensão dos elementos que facilitam a absorção dos conteúdos pelos estudantes. Cabe ao professor a responsabilidade de escolher as melhores estratégias de ensino a serem aplicadas. Os autores recomendam o uso de estratégias de ensino diversificadas, que estimulem os alunos a desenvolver suas competências, e promovam a aprendizagem por meio do uso de tecnologias e pensamento autônomo.

Ainda referindo-se ao processo de ensino-aprendizagem, Souza e Ortiz (2006, p. 133) afirmam que “cabe ao professor a tarefa de auxiliar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, e à instituição de ensino superior, a responsabilidade de preparar seus docentes para esse desafio.”

O processo de ensino-aprendizagem decorre das ações estruturadas e coordenadas no ambiente educacional. É a orquestração dos esforços da IES, das atividades desenvolvidas pelo corpo docente em consonância com o projeto pedagógico e, principalmente, da atuação do corpo discente no processo de geração do conhecimento. O processo de ensino e

aprendizagem é a educação em movimento. (SOUZA; ORTIZ, 2006, p. 133).

Sendo assim, todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem devem interagir no intuito de que as metas propostas se concretizem. Suas diversas ações têm por objetivo promover a educação, sendo o professor o responsável por intermediar sua execução.

2.3 O Professor no Processo de Ensino-Aprendizagem

Diante das exigências referentes aos acadêmicos e às instituições de ensino, cabe ao professor um papel importante no que se refere à relação ensino-aprendizagem. O docente tem a competência de levar os indivíduos a buscarem meios de adquirirem os conhecimentos necessários para o exercício de suas atividades profissionais. O método utilizado pelo professor no processo de ensino-aprendizagem é de fundamental importância para o sucesso do aluno. Desta maneira, pode-se entender que, a metodologia adotada pelo professor interfere diretamente na qualidade do ensino recebido pelo aluno, sendo responsável por identificar as melhores práticas a serem adotadas e buscar a capacitação necessária para desempenhar sua função de forma mais adequada.

Gil (2008, p. 7) considera que:

o magistério é uma vocação, que a missão do professor é a de ensinar, que para isso é que ele se preparou e que, à medida que seja um especialista na matéria e que domine a “arte de ensinar”, ninguém melhor do que ele poderá contribuir para que, por meio de seu ensino, os alunos aprendam.

O professor necessita manter-se em processo de educação continuada e de desenvolvimento de suas competências. Cabe a ele avaliar os resultados obtidos durante a preparação e execução de suas aulas, voltando as estratégias de ensino e o conteúdo das disciplinas em benefício de seus alunos e estimulando neles a busca pelo aprendizado. Um professor melhor preparado terá condições

de ministrar aulas com conteúdos adequados e de maneira atrativa para os alunos.

Ao que se refere à relação professor/aluno observada dentro das instituições de ensino superior, Souza e Ortiz (2006, p. 133) destacam que cabe “ao professor a tarefa de auxiliar o aluno no processo de ensino-aprendizagem, e à instituição de ensino superior, a responsabilidade de preparar seus docentes para o desafio.” Percebe-se que o professor é o responsável por intermediar as relações de ensino-aprendizagem, pois por meio de seus conhecimentos e competências torna-se o elo de ligação entre o aluno e os conhecimentos necessários para a sua capacitação.

2.4 A universidade, o professor e o processo de ensino-aprendizagem

A universidade não pode continuar jogando fora a chance formidável de postar-se no centro do desenvolvimento humano, ocupando aí o papel de matriz essencial de competência humana histórica. Mantendo como instrumentação crucial a reconstrução do conhecimento inovador, deve ter por objetivo cultivar o tipo mais consciente, crítico, reconstrutivo e humanizador da cidadania, levando à intervenção inovadora e ética na sociedade e na economia. Para Milléo (2000), o ponto de referência é a formação de sujeitos capazes, críticos e criativos, democraticamente organizados, aptos a superarem a condição de massa de manobra ou de objetos.

O exercício profissional envolvendo conhecimentos, habilidades e atitudes de cunho reflexivo é previsto na legislação profissional. A lei que regula o exercício das profissões de Engenheiro, Arquiteto e Engenheiro Agrônomo (BRASIL, 1966) e a resolução do Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CONFEA) que discrimina as atividades das diferentes modalidades profissionais (CONFEA, 1973) descreve atividades profissionais de cunho social e humano, que exigem reflexão, visão de conjunto, conhecimentos e habilidades intelectuais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (BRASIL, 1996) igualmente menciona que o ensino tem como uma das finalidades, estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e pensamento reflexivo.

Os currículos também preveem a formação reflexiva aliada aos conhecimentos técnicos e científicos. O Projeto Pedagógico do Curso de Agronomia da UFSC tem como objetivo:

formar Engenheiro Agrônomo com sólido conhecimento técnico-científico e responsabilidade social, com capacidade de concepção, a partir de uma visão holística, e apto a aplicar princípios e processos ecológicos no desenho e no manejo de agroecossistemas, de forma a torná-los produtivos e ambientalmente sustentáveis.(PPC, 2010)

Com os seguintes objetivos específicos:

- Formar engenheiros agrônomos que exerçam sua cidadania através de práticas profissionais voltadas ao bem estar social e o uso racional dos recursos naturais;
- Proporcionar a compreensão dos princípios fundamentais e das técnicas racionais e adequadas ao cultivo das plantas, visando uma produção ecológica, social e economicamente equilibrada;
- Capacitar científica e tecnicamente o profissional para identificar e desenvolver a atividade zootécnica, enfatizando o bem estar animal, sempre de uma forma integrada com as demais atividades do meio rural;
- Compreender a realidade social, econômica, ambiental, técnica, cultural e política da sociedade, em particular da rural, visando interagir nesta, de forma adequada às suas necessidades;
- Introduzir o profissional de agronomia em conhecimentos de engenharia habilitando-o para a avaliação e proposição de soluções em tecnologias passíveis de utilização no processo de produção agrícola;
- Possibilitar a interpretação de propriedades e reconhecer características do sistema solo, para avaliar e propor procedimentos e meios no seu uso adequado;
- Compreender as inter-relações existentes entre organismos hospedeiros e o ambiente visando correta diagnose e controle de doenças e pragas a níveis econômicos e aceitáveis, com o mínimo de prejuízo à saúde humana, dos animais domésticos e do meio ambiente; e
- Conhecer os processos de beneficiamento, transformação e conservação de produtos agrícolas, objetivando um melhor aproveitamento da matéria-prima disponível, bem como avaliar a qualidade do produto final e pesquisar alternativas tecnológicas que agreguem valor ao produto.

Entretanto, existe um distanciamento brutal entre o currículo descrito e o praticado. “As universidades públicas têm carência de laboratórios, bibliotecas e equipamentos, ocorre frequentemente a descontinuidade das pesquisas e existe um excesso de controle burocrático” (FREIRE, 1996). Os docentes não tem o devido respeito, não são pagos condignamente e não são chamados à discussão de seus problemas, dos problemas locais, regionais e nacionais, embutidos na problemática educacional.

As estratégias de ensino-aprendizagem mais comuns utilizadas pelos professores são: a aula expositiva, excesso na utilização de recursos audiovisuais e poucas aulas práticas, que deveriam ser entendidas como o eixo central do currículo de formação, no desenvolvimento das habilidades, contrariando as teorias derivadas da racionalidade técnica, que situam a prática no final do currículo, estas deveriam ser o ponto de partida do currículo de formação ainda que se considere que a própria prática possa ser tradicionalista.

Daí, a importância de todo o educador ter bem claro o procedimento metodológico que vai adotar e que vai alicerçar todo seu planejamento educacional e sua prática educativa, para que seu discurso seja coerente com sua prática, ou seja, que a práxis seja um instrumento forte de melhoria da qualidade docente e discente do curso de Agronomia.

Não é possível entender as relações dos homens com a natureza, sem estudar os condicionamentos histórico-culturais a que estão submetidas suas formas de atuar. A par disso, Freire (2006, p. 89) afirma que:

a capacitação técnica, que não é adestramento animal, jamais pode estar dissociada das condições existenciais dos camponeses, de sua visão cultural e de suas crenças. Deve partir do nível que eles se encontram, e não daquele em que o Engenheiro Agrônomo julgue deveriam estar.

Conforme Freire (2006, p. 88), “a capacitação técnica é mais que treinamento, porque é a busca de conhecimento, é apropriação de procedimentos. Não pode nunca reduzir-se ao adestramento, pois que a capacitação só se verifica no domínio do humano”.

Segundo Alves (1995) apud Milléo (2000, p. 26):

A ciência pela ciência é uma ilusão de cientistas que se fecham em seus laboratórios ou mundos mentais. Querendo ou não, o conhecimento que produzimos poderá sempre ser usado por alguém, de forma totalmente oposta as nossas intenções. A única finalidade da ciência está em aliviar a miséria da existência humana.

Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio desta realidade e procurar soluções. Isto é próprio de todo o ser humano e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade).

Há a necessidade de novos métodos de condução das disciplinas teórico-práticas, de realização de pesquisas para a geração de conhecimentos e tecnologias e principalmente promover a ligação de acadêmicos com a sociedade, para que o acadêmico possa se enquadrar nas situações reais sob a orientação do professor, sentindo-se útil e valorizado, sabendo qual o seu papel e o da sua profissão perante a sociedade.

2.5 O perfil do Engenheiro Agrônomo da UFSC

Atualmente, a agricultura é caracterizada por desconexões, tanto em países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento: entre agricultura e meio ambiente, entre agricultores e consumidores, entre políticas e consequências (esperadas ou não esperadas). Igualmente preocupante é a insustentabilidade do atual modelo agrícola industrial. Se de um lado a produção de alimentos aumentou 2,5 vezes desde 1961, de outro lado o aumento de utilização de nitrogênio e fósforo foi de 6,87 e 3,48 vezes, respectivamente (PPC, 2010). Enfim, este aumento de produção de alimentos foi acompanhado de custos elevados, efeitos adversos e externalidades negativas em termos de sustentabilidade ambiental, solos, água, biodiversidade e mudanças climáticas.

Santa Catarina é um dos seis principais estados agrícolas do país e apresenta produtividades altas, resultantes da adoção, mesmo em pequenos estabelecimentos agropecuários, de técnicas baseadas no uso de insumos,

máquinas e equipamentos de origem industrial. O Icepa (2004) estima que, seguindo os critérios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), a agricultura familiar catarinense é constituída por um universo de 180 mil famílias e estabelecimentos rurais, o que representa mais de 90% da população considerada rural do Estado. Ao mesmo tempo, a agricultura e o meio rural catarinenses apresentam sérios problemas sociais, econômicos e ambientais, conforme trecho descrito abaixo:

“Ao lado dos grandes e modernos complexos agroindustriais, há um grande número de pequenas e médias propriedades rurais, produtoras de alimentos básicos e matérias primas, que se encontra em sérias dificuldades e cuja competitividade está ameaçada. (...) Observa-se um processo de crescente exclusão de produtores em algumas cadeias agroalimentares. O baixo nível de renda e a insatisfatória qualidade de vida para boa parte das famílias rurais vêm provocando, nos últimos anos, um êxodo rural médio da ordem de 1% ao ano (2% ao ano entre os jovens rurais), com tendência a acelerar-se.” (Icepa, 2004,p.14).

Este tipo de avaliação da viabilidade econômica e social da pequena propriedade é geralmente feita à luz da tecnologia baseada no uso de insumos industriais externos. O recente sucesso de comunidades de agricultores que tem sua produção baseada na agroecologia, fortemente sustentada pela adoção de “processos” no lugar do uso de “produtos” vem mostrando uma nova realidade. Sabe-se que a agricultura baseada no uso de insumos industriais precisa de escala para ser competitiva, ou seja, não é uma solução para a pequena propriedade. Já o planejamento conjunto da produção, com divisão de atribuições entre os agricultores participantes, visando à complementaridade de produção e a diversidade de produtos (especialmente no caso de hortifrutigranjeiros), associado a uma proposta de comercialização conjunta, tem revelado uma nova perspectiva de viabilidade para a agricultura familiar no estado de Santa Catarina.

Neste contexto, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) criou o Curso de Agronomia, em julho de 1975, que foi reconhecido em 1980 - Portaria n° 372 do Ministério da Educação. Antevendo as demandas criadas por um crescimento populacional desenfreado, e por uma agricultura baseada em

produtividade e insumos, houve um debate de ideias entre Eng.^o Agrônomos (Associações Estaduais e Federal) e estudantes de Agronomia (Centros, Diretórios Acadêmicos e FEAB), que resultou na proposta de perfil e de organização curricular, apresentada em 1987, com o objetivo do egresso de Agronomia possuir as seguintes características: capacidade de análise global, competência no desenvolvimento de ações técnicas do exercício profissional e capacidade de comunicar-se profissional e cientificamente. Esta perspectiva foi amadurecendo com as mudanças curriculares ocorridas em 1989, 2003 e 2010, sempre preservando os princípios de conservação da diversidade biológica e cultural, que nutre as agriculturas locais e a biodiversidade.

Segundo o PPC (2010), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) definem uma base comum, segundo a qual “o currículo do Curso de Agronomia deve dar condições a seus egressos para adquirirem competências e habilidades a fim de:

- a) projetar, coordenar, analisar, fiscalizar, assessorar, supervisionar e especificar, técnica e economicamente projetos agroindustriais e do agronegócio, aplicando padrões, medidas e controle de qualidade;
- b) realizar vistorias, perícias, avaliações, arbitramentos, laudos e pareceres técnicos, com condutas, atitudes e responsabilidade técnica e social, respeitando a fauna e a flora e promovendo a conservação e / ou recuperação da qualidade do solo, do ar e da água, com uso de tecnologias integradas e ambientalmente sustentáveis;
- c) atuar na organização e gerenciamento empresarial e comunitário interagindo e influenciando nos processos decisórios de agentes e instituições, na gestão de políticas setoriais;
- d) produzir, conservar e comercializar alimentos, fibras e outros produtos agropecuários;
- e) participar e atuar eticamente em todos os segmentos das cadeias produtivas do agronegócio;
- f) exercer atividades de docência, pesquisa e extensão no ensino técnico profissional, no ensino superior, na pesquisa, na divulgação técnica e na extensão;
- g) enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade e do mercado de trabalho, adaptando-se às situações novas e emergentes.

Para além destas competências e habilidades, expressas nos objetivos acima, foi necessário incorporar outras competências e habilidades que considerem de forma mais direta a especificidade e o entorno do Curso de Agronomia da UFSC, tais como as seguintes capacidades de:

- (i) desenhar e manejar sistemas agrícolas complexos em unidades familiares de produção, respeitando a autonomia, a cultura e o protagonismo dos diversos membros da família;
- (ii) gerenciamento e empreendedorismo com claro compromisso com a melhoria da qualidade de vida da agricultura familiar;
- (iii) projetar e assessorar atividades rurais não agrícolas;
- (iv) comunicar-se efetivamente com grupos de pessoas, por meio de linguagens oral, escrita e gráfica, levando em conta os diversos tipos de público;
- (v) trabalhar em equipes disciplinares e pluridisciplinares, respeitando as ideias dos outros;
- (vi) conduzir projetos participativos de pesquisa de interesse das comunidades;
- (vii) integrar os aspectos sociais, econômicos e ambientais nas atividades profissionais;
- (viii) contribuir para a organização e formas coletivas de tomada de decisões no âmbito do empoderamento das comunidades;
- (ix) liderança;
- (x) promover o desenvolvimento rural sustentável em suas dimensões econômica, social e ambiental.

Atualmente, a organização cultural, entendida como o espaço das práticas, incluindo as formas contraditórias de senso comum, continua sendo o manancial de recursos para a definição de outro tipo de Engenheiro Agrônomo: um profissional que se adequa à realidade. Este perfil de Agrônomo se encaminha ao modelo de otimização produtiva, também conhecido como agricultura ecológica. Nesta perspectiva, Martin (2003, p. 35) esclarece citando Bonilla (1992) que diz:

Do ponto de vista ecológico, uma produtividade moderada, contínua e estável é preferível a uma elevada produtividade inicial que acarretaria, posteriormente, riscos ao equilíbrio do ecossistema florestal. Esta conceituação estendida a quaisquer outros agrossistemas produtivos

continua sendo perfeitamente válida e constitui o cerne do modelo de otimização produtiva. E conclui: este modelo visa a criação de uma atividade agrícola voltada para os interesses da coletividade, entendendo por estes as necessidades, sobretudo alimentícias, mas também as energéticas e de outros produtos, dos habitantes daquela, assim como a manutenção da capacidade produtiva do solo.

A função do Engenheiro Agrônomo diante desses dois eixos e perfis foi se delineando em vista da necessidade de, por um lado, validar cientificamente todo o saber acumulado no mundo agrícola, e, de outro, considerar que as técnicas desenvolvidas no processo do conhecimento empírico, e que são utilizadas pelos agricultores que as recebem principalmente como herança, podem ganhar, com a sua colaboração profissional, um status de cientificidade.

O desafio para este novo profissional do campo será, então, integrar os saberes dessas realidades que se apresentam de forma aparentemente antagônicas.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresenta-se o resultado da pesquisa realizada por meio de questionários enviados via e-mail aos acadêmicos que se formaram no Curso de Agronomia da UFSC entre os anos de 2003 e 2012. Os dados foram apresentados em quatro tópicos: perfil sócio econômico, percepção quanto à formação, percepção quanto ao curso e à instituição, e atuação profissional.

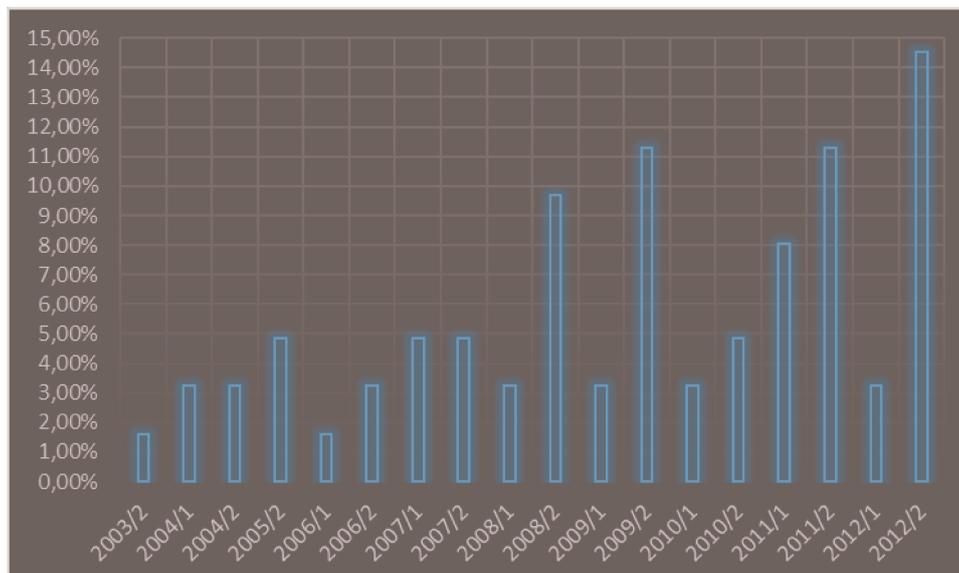
3.1 O perfil sócio econômico dos egressos

Dentre o universo de 635 egressos, 107 contatos estavam desatualizados, inviabilizando a aplicação do questionário e reduzindo o universo amostral para 528 egressos. Destes, 62 egressos responderam à pesquisa, perfazendo uma amostra de aproximadamente 10% dos profissionais de Agronomia formados na última década na Universidade Federal de Santa Catarina.

Segundo Mattar (2001, p.133) “Amostra é qualquer parte de uma população”. Quando o universo de investigação é geograficamente concentrado e pouco numeroso, convém que sejam pesquisados todos os elementos. Isto é importante para garantir a conscientização e a mobilização da população em torno da proposta de ação envolvida pela pesquisa.

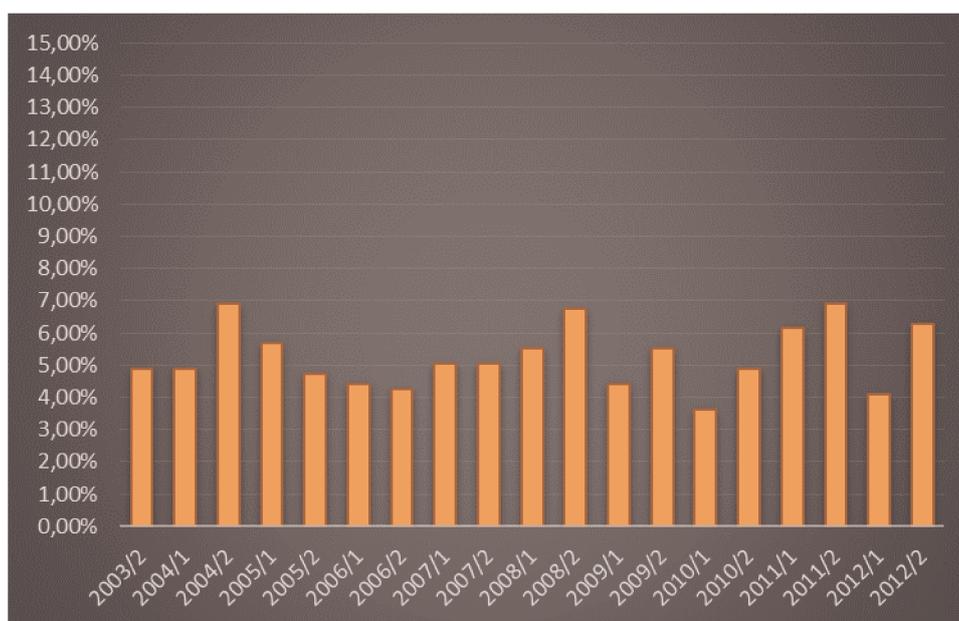
O comportamento dos gráficos 1 e 1.1 demonstram uma similaridade entre os respondentes (amostra) e o universo amostral, com uma participação mais acentuada dos egressos do último semestre pesquisado:

Gráfico 1 – Conclusão do curso (ano/semestre) dos egressos de Agronomia da UFSC: AMOSTRA.



Fonte: Elaborado pelo autor

Gráfico 1.1 – Conclusão do curso (ano/semestre) dos egressos de Agronomia da UFSC: UNIVERSO AMOSTRAL.



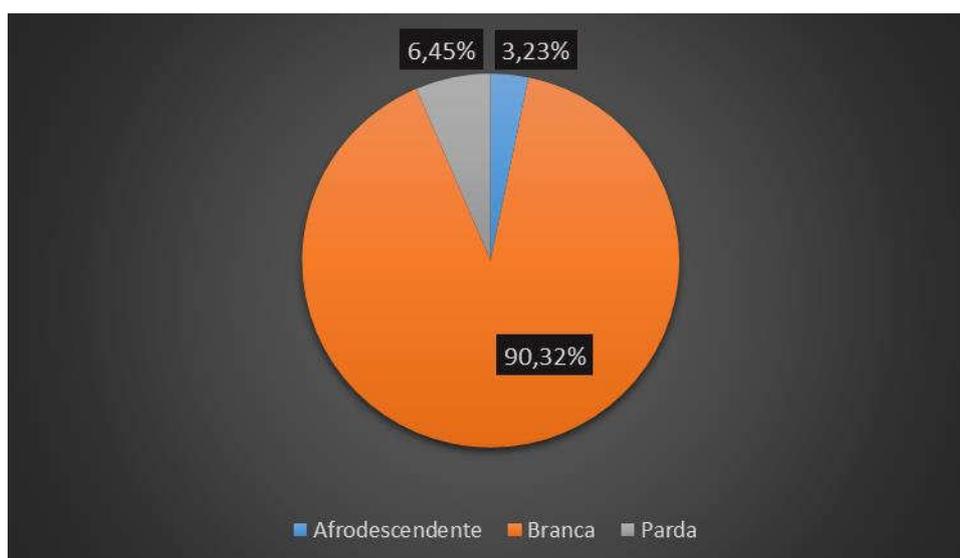
Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados da pesquisa indicaram que 56% dos respondentes são homens e 44% mulheres, contrariando as estatísticas apresentadas pelo Sistema de Informações do Confea/Crea – SIC (2012), que apresentam dados que

existem atualmente no Brasil cerca de 1 milhão de profissionais de Engenharia, Agronomia, Geologia, Geografia e Meteorologia registrados. Desses, pouco mais de 188 mil são mulheres, o que representa 17,85%.

Quanto à etnia, conforme o gráfico 2, em torno de 90,32% dos entrevistados se declaram de etnia branca, 6,45% parda e apenas 3,23% afrodescententes, apesar dos dados do IBGE (2010) apontarem um percentual de 11,7% de afrodescententes em Santa Catarina.

Gráfico 2 – Etnia dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Os resultados mostram também que 64% dos entrevistados estão solteiros(as), 34% casados(as), e 2% divorciados. Quanto à naturalidade, o gráfico 3 demonstra que 66,13% dos respondentes são oriundos do Estado de Santa Catarina, seguidos pelo Rio Grande do Sul com 9,68%, e São Paulo com 6,45%.

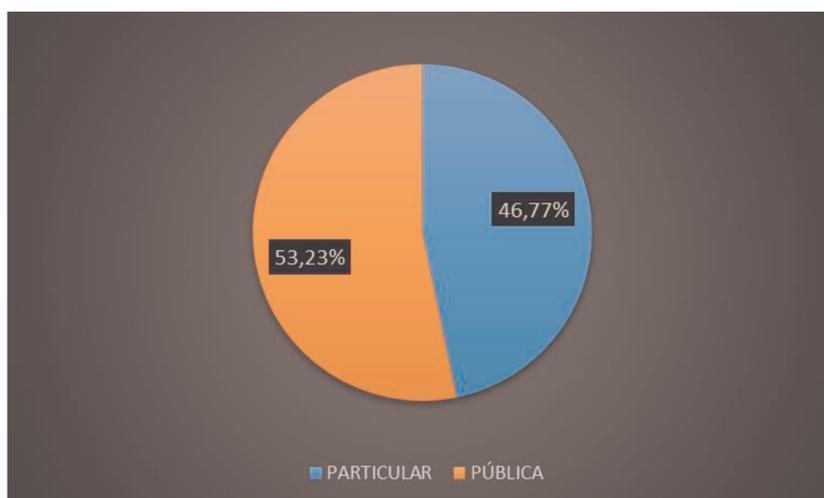
Gráfico 3 – Naturalidade dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Em 2008, o Conselho Universitário da UFSC criou o Programa de Ações Afirmativas, reservando 20% das vagas de todos os cursos para estudantes que tivessem cursado os ensinos fundamental e médio em instituições públicas e 10% das vagas para estudantes negros, prioritariamente oriundos de escolas públicas. Os resultados ainda não refletem os efeitos desta política, pois os acadêmicos beneficiados pelo programa começam a formar-se a partir de 2012, ano final da amostragem. Mesmo assim, conforme o gráfico 4, 53,23% dos egressos são oriundos de instituições públicas e 46,77% são advindos de escolas privadas.

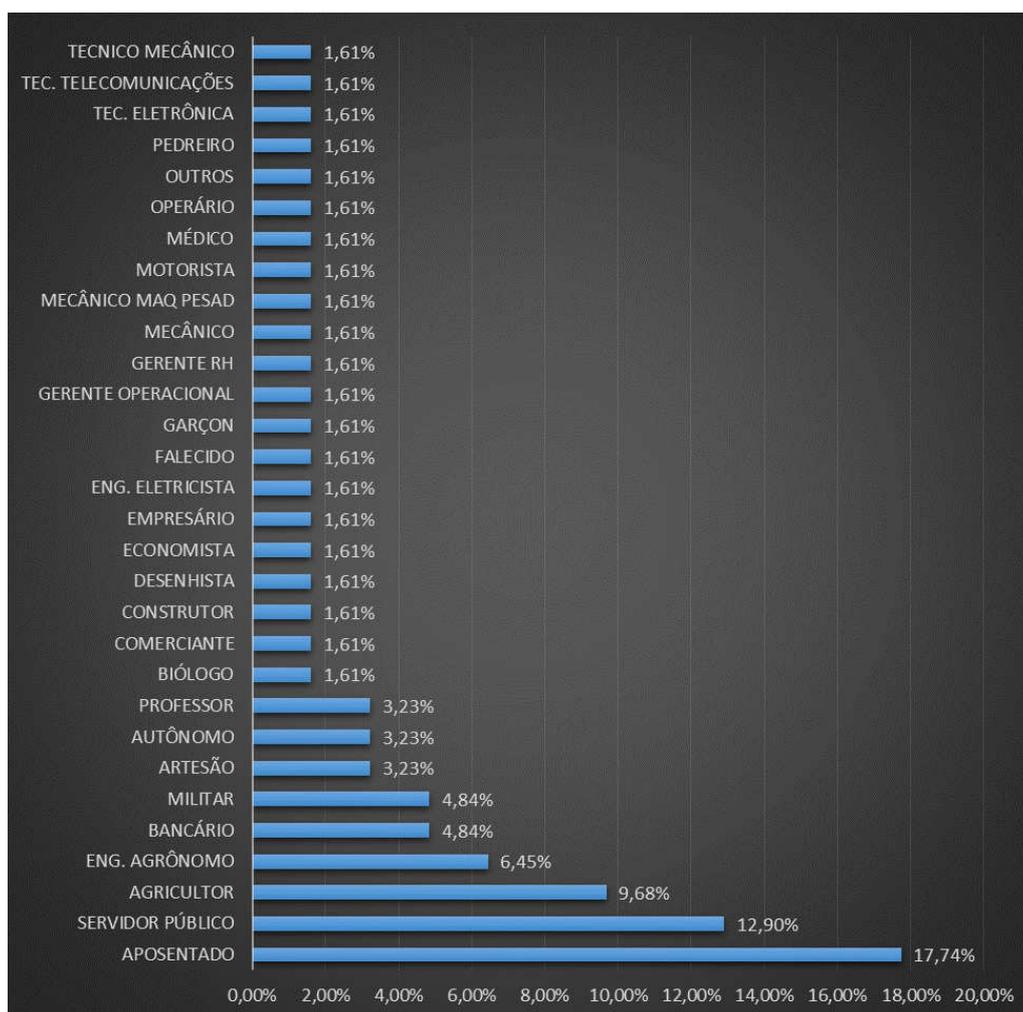
Gráfico 4 – Tipo de instituição que os egressos de Agronomia da UFSC cursaram o segundo grau.



Fonte: Elaborado pelo autor

Segundo relato de servidores do Centro de Ciências Agrárias da UFSC, quando foi instituído o curso a mais de 30 anos, a grande maioria dos acadêmicos do curso de Agronomia eram filhos de agricultores, ou de pessoas ligadas à agricultura. Os resultados mostram que este quadro mudou, pois apenas 9,68% são filhos de agricultores e 6,45% de agrônomos, conforme demonstrado no gráfico 5:

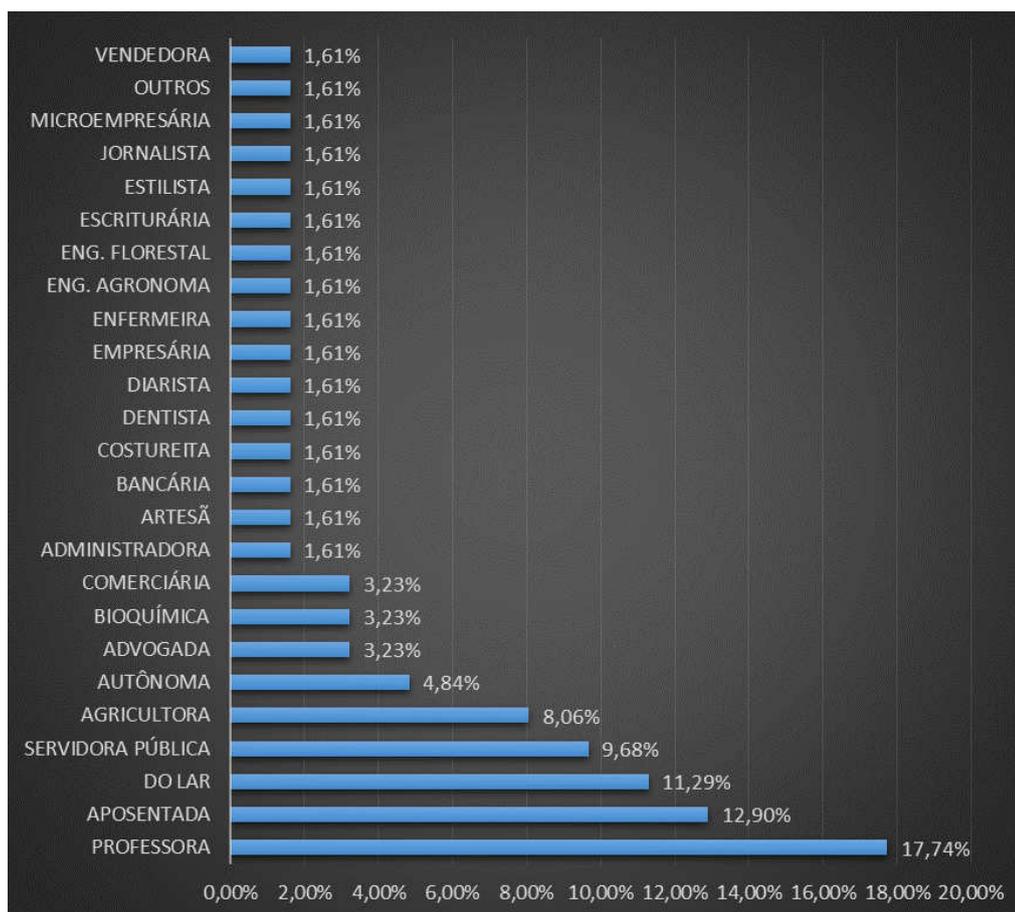
Gráfico 5 – Ocupação do pai dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Encontramos resultados semelhantes quanto à ocupação da mãe dos egressos, onde apenas 8,06% são agricultoras e 1,61% são agrônomas, conforme gráfico 6:

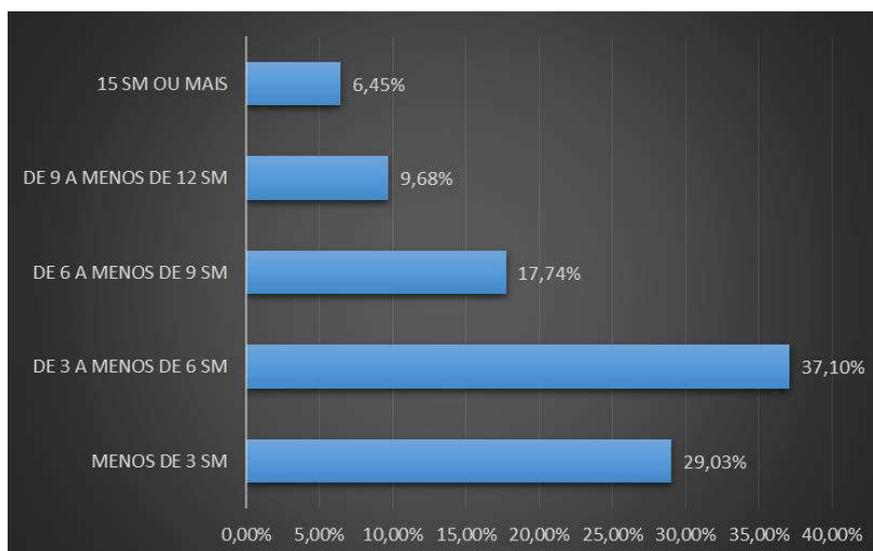
Gráfico 6 – Ocupação da mãe dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando questionados quanto à renda, constatamos que a maioria dos egressos possui renda menor do que o Salário Mínimo Profissional, estabelecido pela Lei 4950-A/66 (BRASIL, 1995), que asseguram 6 salários mínimos comuns para o profissional de Agronomia com carga diária de trabalho de 6 horas. Os resultados mostram que 29,03% dos entrevistados tem renda menor que 3 salários mínimos, e 37,10% de 3 a menos que 6 salários mínimos comuns, conforme gráfico 7:

Gráfico 7 – Renda mensal dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

A desigualdade de gênero no mercado de trabalho é uma das principais bandeiras dos movimentos sociais que defendem os direitos das mulheres. Segundo o IBGE, o rendimento médio da mulher brasileira equivale a 72,3% da renda média dos homens, ou seja, o salário das mulheres permanece 28% inferior aos dos homens. Este quadro é ainda mais alarmante quando trata-se de profissionais de agronomia, pois 88,88% das Agrônomas entrevistadas possuem renda menor que a garantida por lei, conforme demonstra o gráfico 8:

Gráfico 8 – Renda mensal dos egressos de Agronomia da UFSC, segundo o gênero.

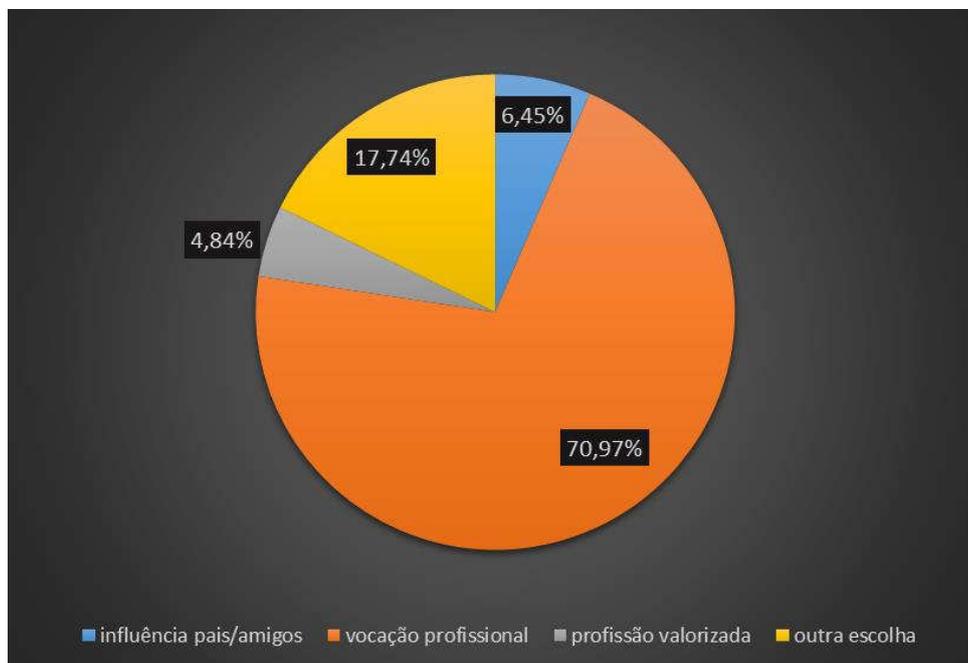


Fonte: Elaborado pelo autor

3.2 A percepção dos egressos quanto a sua formação

Neste tópico da pesquisa, os egressos são convidados a fazer uma autoavaliação do desempenho como acadêmico. Quando questionados por que escolheram cursar Agronomia, 70,97% revelaram que foi por vocação profissional, conforme gráfico 9:

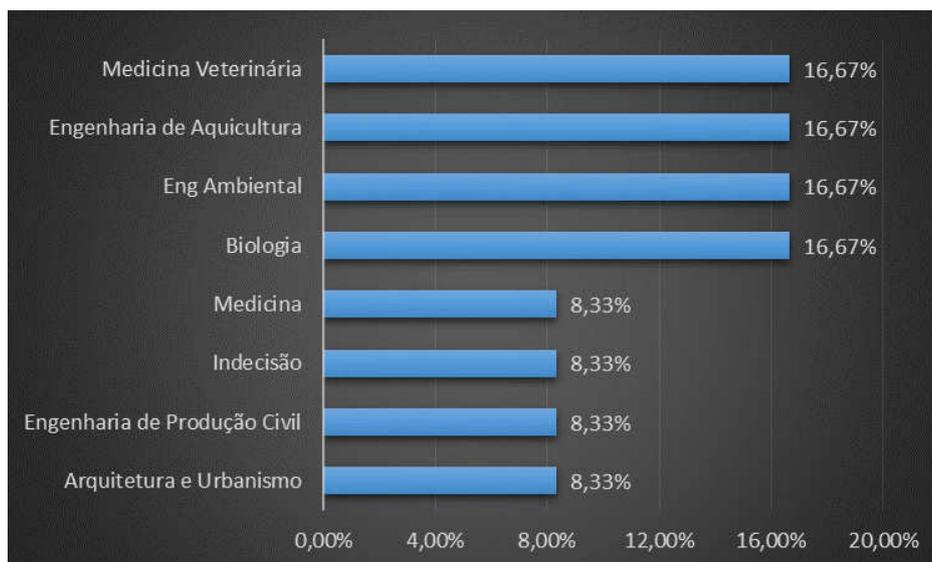
Gráfico 9 – Motivo de escolha do curso dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Para 79,03% dos egressos a Agronomia foi a primeira opção de curso, sendo que para os 20,97% restantes, os cursos voltados à área animal e vegetal também foram citados, conforme observamos no gráfico 10:

Gráfico 10 – Cursos de graduação citados pelos egressos que não tinham Agronomia como primeira opção.



Fonte: Elaborado pelo autor

Os egressos foram indagados quanto as atividades que desenvolveram durante a graduação, e 22,04% dos entrevistados participaram de estágios não remunerados, 20,97% de grupos de estudo, 19,89% de projetos de pesquisa e 13,98% de projetos de extensão, conforme gráfico 11. Faz-se necessário um acompanhamento destes percentuais para que possamos avaliar a evolução da participação de nossos acadêmicos nas atividades e oportunidades disponibilizadas pela instituição.

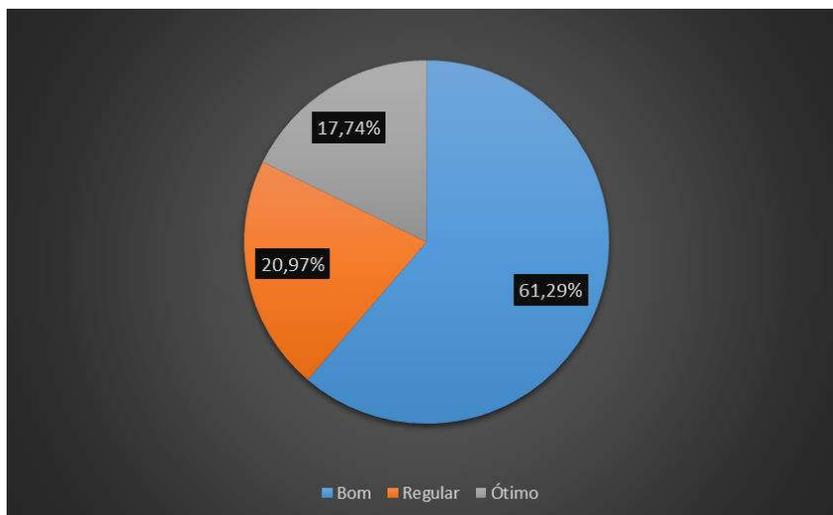
Gráfico 11 – Atividades desenvolvidas pelos egressos de Agronomia da UFSC durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Com o intuito de instigar os egressos a fazer uma reflexão quanto a sua dedicação durante a graduação, questionamos como ele avalia a sua dedicação aos estudos. Os resultados mostram que 61,29% consideraram bom, 20,97% regular, e 17,74% ótimo, conforme gráfico 12:

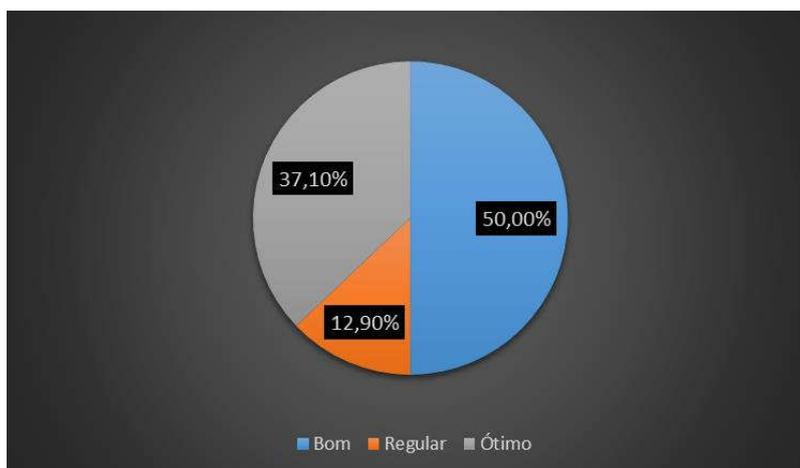
Gráfico 12 – Avaliação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto a sua dedicação aos estudos durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Os egressos também foram questionados quanto a sua assiduidade e pontualidade às aulas. Os resultados apontam que 50% dos entrevistados consideram bom, 12,90% regular e 37,10% ótimo, conforme observamos no gráfico 13:

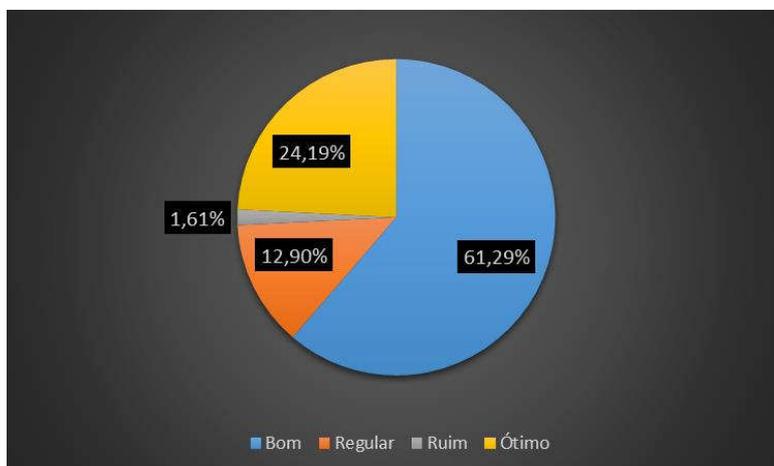
Gráfico 13 – Avaliação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto a sua assiduidade e pontualidade às aulas durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao seu envolvimento nas atividades durante a graduação, 61,29% dos egressos consideram bom, 24,19% ótimo, 12,90% regular, e 1,61% avaliam como péssimo, conforme mostra o gráfico 14:

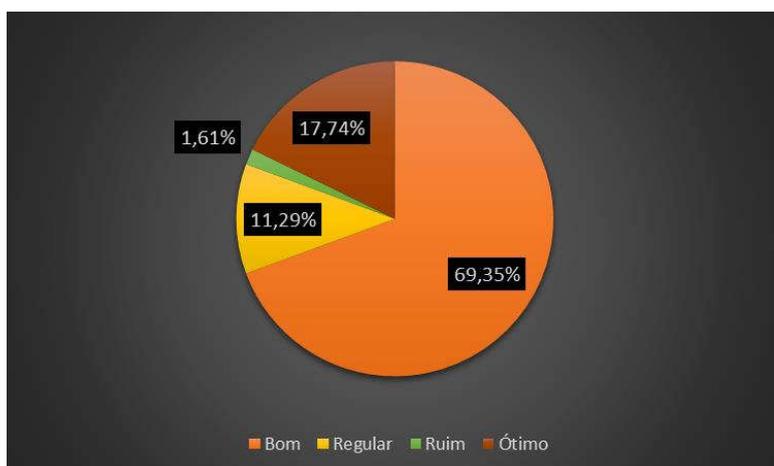
Gráfico 14 – Avaliação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao seu envolvimento nas atividades (projetos, consultas, bibliografias, trabalhos, etc.) durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Ainda com o propósito de provocar uma reflexão dos egressos quanto a sua vivência acadêmica, solicitamos que os entrevistados realizassem uma auto avaliação de que tipo de discente ele considera-se. Os resultados apontam que 69,35% consideram-se bons alunos, 17,74% ótimos, 11,29% alunos regulares, e 1,61% alunos ruins.

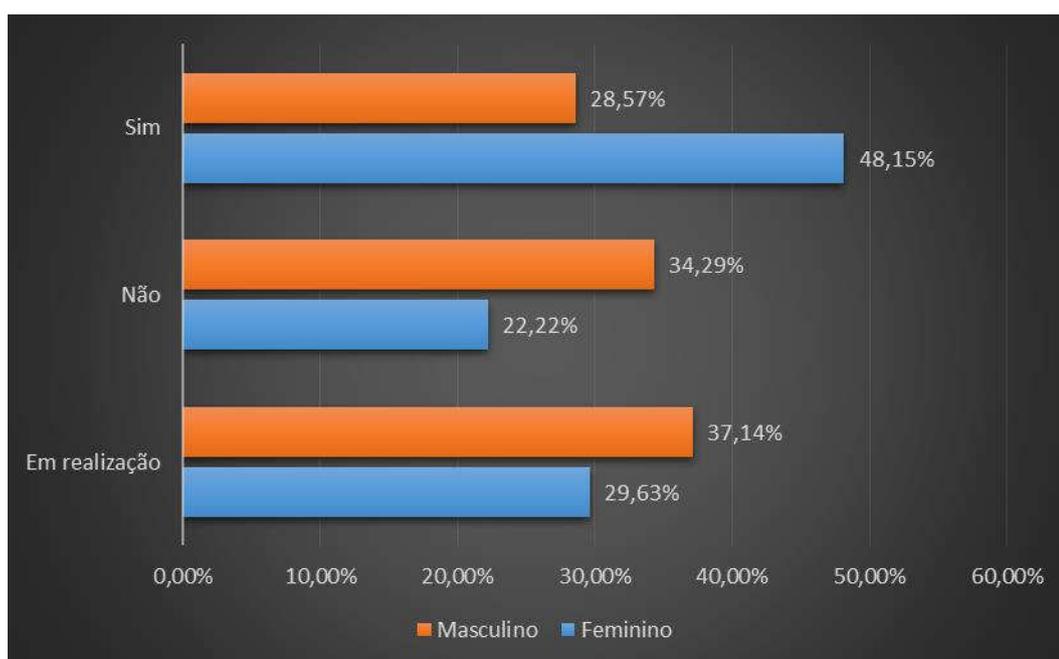
Gráfico 15 – Auto avaliação como aluno dos egressos de Agronomia da UFSC durante a graduação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Também questionamos os egressos quanto à realização de cursos de pós graduação, e 37,10% afirmaram ter realizado algum tipo de especialização, 33,87% estão realizando, e 29,03% não fizeram. Verificamos que há uma diferença entre gêneros, onde 77,78% das mulheres realizaram ou estão realizando algum curso de especialização, conforme podemos observar no gráfico 16:

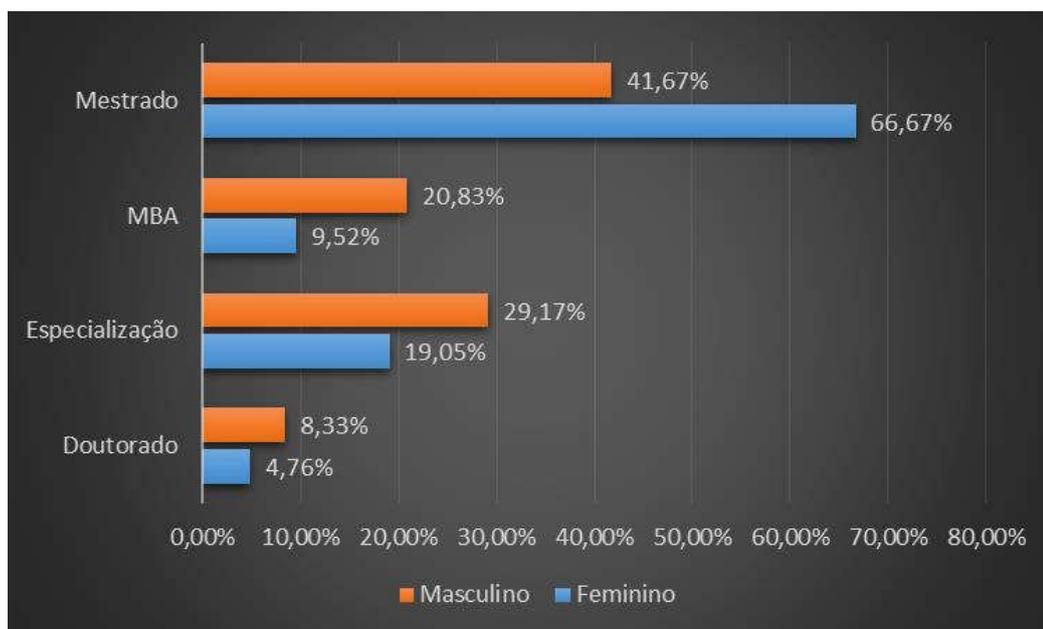
Gráfico 16 – Realização de cursos de pós graduação pelo egressos de Agronomia da UFSC segundo o gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor

Destes que realizaram ou estão realizando curso de especialização, indagamos qual o nível do último curso, e os resultados também apontam diferenças significativas quanto ao gênero, com a participação feminina maior em mestrados, com 66,67% frente aos 41,67% de masculinos. Já nos outros níveis, esta situação é inversa, tendo o gênero masculino um percentual maior de egressos. Estes dados ficam evidenciados no gráfico 17:

Gráfico 17 – Nível do último cursos de pós graduação realizado pelo egressos de Agronomia da UFSC segundo o gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto à cursos de capacitação, extensão ou atualização, apenas 24,19% dos egressos afirmam ter realizado este tipo de curso.

Com relação ao domínio de outros idiomas, houve um predomínio do inglês e espanhol, onde 31,25% dos egressos afirmaram ter o domínio avançado dos idiomas, 40,91% um domínio intermediário, e 38,10% um domínio básico. Os resultados estão evidenciados na tabela 1:

Tabela 1 – Percentual de egresso de Agronomia da UFSC que dominam outro idioma, segundo o nível.

NÍVEL	IDIOMA											Total
	Espanhol	Francês	Inglês	Inglês. Alemão	Inglês. Espanhol	Inglês. Espanhol. Alemão	Inglês. Espanhol. Francês	Inglês. Espanhol. Italiano	Inglês. Francês	Inglês. Italiano	Nenhum	
Avançado	12.50	6.25	43.75	0	31.25	0	6.25	0	0	0	0	
Básico	0	0	33.33	4.76	38.10	0	4.76	0	4.76	0	14.29	
Intermediário	4.55	0	22.73	0	40.91	4.55	4.55	9.09	4.55	9.09	0	
Total	5.08	1.69	32.20	1.69	37.29	1.69	5.08	3.39	3.39	3.39	5.08	100.00

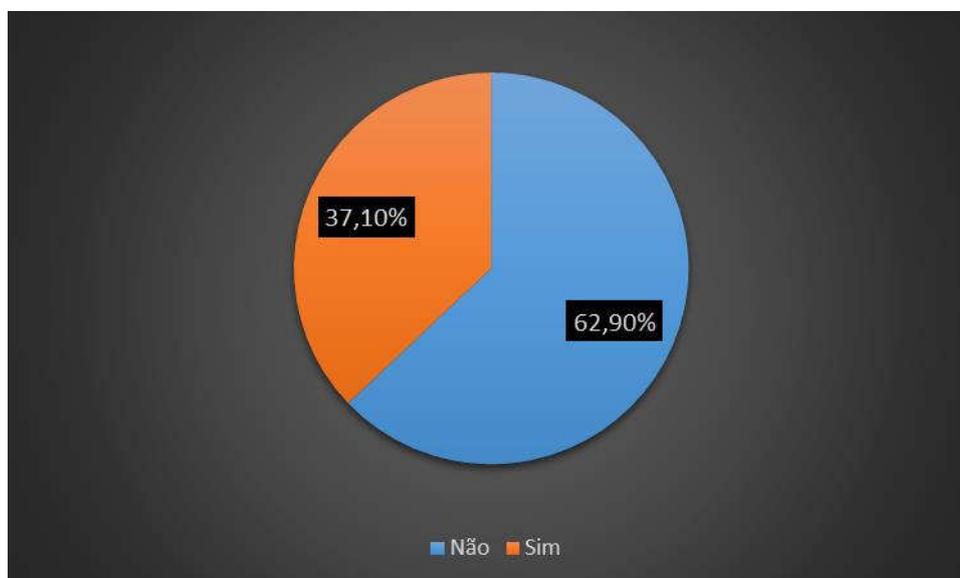
Fonte: Elaborado pelo autor

3.3 A percepção dos egressos quanto ao curso e a instituição

A readequação do sistema de educação rural (escolas fundamentais rurais, escolas agro técnicas, faculdades e universidades de ciências agrárias e serviços de extensão rural) é fundamental para que os profissionais de Agronomia tenham real capacidade de conhecer a realidade rural, afim de intervir e promover mudanças para solucionar os problemas que ocorrem nas atividades agrícolas e pecuárias. Neste contexto, solicitamos aos egressos uma avaliação do curso de Agronomia da UFSC e da própria Instituição, para que com esta percepção, possamos apontar suas demandas e potencialidades, no intuito de buscar uma formação mais adequada aos profissionais de Agronomia.

O primeiro questionamento abordado é com relação à percepção do egresso quanto ao seu sentimento após a graduação. A questão era se ele considerava-se preparado para o mercado de trabalho quando se formou. A maioria dos entrevistados, 62,90%, consideraram não estar preparado, contra 37,10% que afirmaram estar preparados após a formatura, conforme gráfico 18:

Gráfico 18 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao seu preparo para o mercado de trabalho quando formou.



Fonte: Elaborado pelo autor

Os motivos pelo alto índice de insegurança e reprovação são principalmente alicerçados pela dicotomia entre a teoria e a prática. Eles apontam a necessidade de aliar a teoria à prática, imprescindível num curso de Agronomia. Estes motivos revelam-se nas citações dos egressos:

“As aulas práticas oferecidas no curso não são condizentes com a realidade da profissão a nível de campo.”

“Defasagem de formação em algumas áreas, falta de conhecimento de como e aonde buscar oportunidades.”

“O curso da UFSC forma profissionais para atuar no mercado de trabalho regional e tem pouca visibilidade fora do estado. Nas multinacionais é exigido o inglês, sendo este a minha maior barreira.”

“Considero que a universidade falhou, pois em meu período de graduação houve pouco incentivo para atuação na área de pesquisa, percebi isso ao longo de minha pós-graduação em instituições no Estado de São Paulo, onde desde o primeiro semestre de graduação os alunos já são inseridos na pesquisa.”

“Falta de envolvimento com grandes empresas do setor; Falta de oportunidades de estágio com possibilidade de efetivação; Desconhecimento de como acessar o mercado de trabalho; Desconhecimento de estrutura de grandes empresas; Desconhecimento de princípios de relações humanas.”

“Acho que nenhuma grade curricular de Agronomia é o suficiente para as demandas do meio rural. Hoje o meio rural passa por um processo de estruturação que o Eng. Agrônomo não consegue dar conta. Mas isso é uma briga como Categoria, onde nós Agrônomos devemos correr atrás de atribuições que completem o nosso papel como agente chave envolvido no desenvolvimento do meio rural.”

“A universidade deve focar em disciplinas relacionadas ao convívio com o ser humano, pois enfrentamos diariamente situações opostas na agricultura, desde um latifundiário até um agricultor familiar, que possuem condições financeiras e sociais opostas. Faltou da universidade um encaminhamento para os recém formados na condução de participar do CREA e Sindicato (trâmites burocráticos). A universidade deve focar mais viagens de estudos para realidades distintas dentro do estado de Santa Catarina e na região Sul do Brasil.”

“Mais vivência em campo. Não usufruímos da fazenda resacada como espaço de estudo, e as iniciativas como alunos nunca foram estimuladas e reconhecidas. Também acho que falta interação entre os laboratórios e a prática da multidisciplinaridade. Os laboratórios ficam isolados com suas panelinhas e os professores enfiados em suas salas individuais. Como compartilhar sabedoria e conhecimento trancado dentro de salas? Falta integração neste curso, falta movimento, dinâmica e inovação que seja SOCIALIZADA e não apenas pesquisas fechadas em clubinhos de laboratórios e publicadas em papers internacionais.”

“Fui muito dependente do relacionamento com os professores como meus mentores e agora sozinha não sei bem como me virar. Desde que me formei nunca trabalhei na área de agronomia. Por algum motivo não consegui fazer conexões que me abrissem uma porta no mercado de trabalho e agora morando em outro país me sinto perdida.”

A relação teoria-prática é uma discussão clássica em educação. Teoria e prática constituem uma unidade, como afirmam Passos & Veiga (1989). Não se opõem e nem deve haver dicotomia entre elas. O que deve haver é um constante relacionamento recíproco. Na medida em que este propósito puder ser atingido, a prática torna-se cada vez mais esclarecida e controlada pela teoria, e a teoria cada vez mais ligada a realidade educacional.

Para os egressos que se consideraram preparados quando formados, os motivos principais foram a participação em atividades complementares, conforme citações:

“No modo geral estava, porém muitas áreas de conhecimento estavam defasadas.”

“Porque já vinha de um curso técnico na área, adquiri muito conhecimento técnico e já estava maduro profissionalmente.”

“A universidade não pode e nem deve ser responsável pela formação profissional total do acadêmico. Nós somos eternos alunos e devemos estar sempre dispostos a aprender.”

“Apenas porque eu tinha feito muitos estágios e tinha muitos contatos de empresas privadas. Trabalhei em todas depois da formação. Se não fosse por isso, não teria conseguido emprego.”

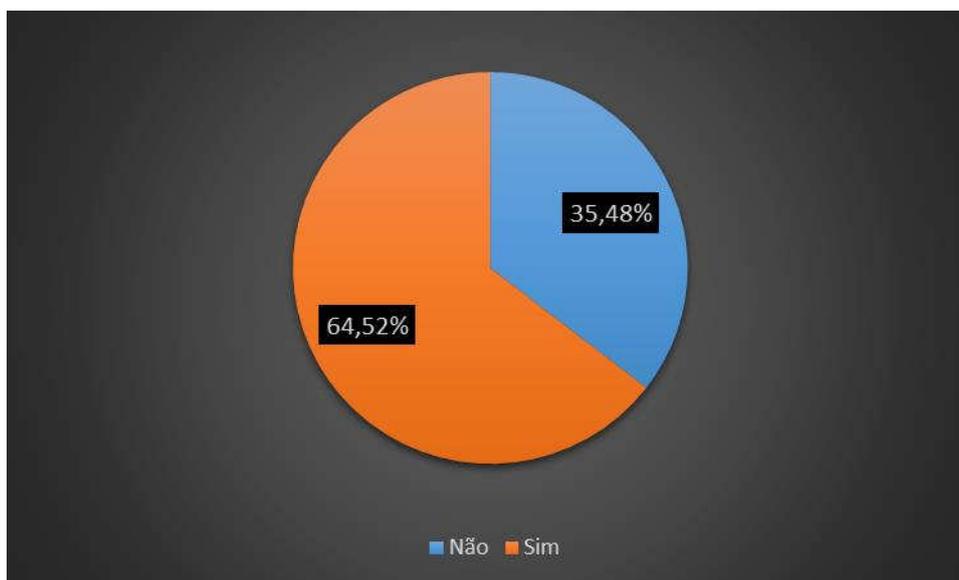
“Eu trabalhei na Empresa Junior e com Pastoreio Voisin num grupo de pesquisa e extensão ao longo dos 5 anos de curso. Ao final, pude me projetar facilmente no mercado de trabalho.”

“As atividades extracurriculares me concederam uma base satisfatória. Contudo, o enfoque dado no curso à pequena agricultura familiar, acaba por direcionar os graduandos para uma visão mais integrada, entretanto esta realidade não corresponde à realidade geral do país.”

Estes depoimentos evidenciam a importância da conexão com a realidade rural na formação do profissional de Agronomia.

Outro questionamento colocados aos egressos foi quanto a contribuição das disciplinas profissionalizantes em seu desempenho profissional. Neste quesito, 35,48% dos entrevistados afirmaram que estas disciplinas **não** contribuíram para o seu desempenho profissional, conforme observamos no gráfico 19:

Gráfico 19 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC da contribuição das disciplinas profissionalizantes no seu desempenho profissional.



Fonte: Elaborado pelo autor

As alegações elencadas pelos egressos que responderam “não”, corroboram com as descritas na questão anterior, demonstrando a dicotomia existente entre a teoria e a prática:

“De alguma maneira sim, mas para mim elas poderia ter sido mais praticas. No nosso curso quase não experimentamos o trabalho no campo. Algumas disciplinas foram basicamente teóricas, quando no curso de Agronomia elas deveriam ser mais praticas.”

“Deve-se antes de se iniciar um pesquisa, ir a campo e ver a demanda dos produtores daquela cultura/criação antes de investir em projetos que só são benéficos aos professores com títulos e premiações de bolsas.”

“A empresa onde trabalho, Conab, lida com silos e políticas agrícolas. Em questão de silos não tivemos NADA em classe. Em questão da política

tivemos, um professor ultrapassado em conhecimentos e com uma visão pouco atual da área.”

“Este "não" não é absoluto como resposta. O meio rural necessita de produção, educação, comunicação, transporte, lazer, infraestrutura, entre outros, além de contemplar as questões da multifuncionalidade do meio rural, como zelar pelo meio ambiente e da função social da terra. Sinto uma necessidade absurda em entender como se constroem estradas, sistemas de abastecimento de água, da produção agroindustrial, como se constrói e se cria espaços de lazer e entretenimento, entre outros. Outro ponto, se engana quem acha que não existe setor secundário e terciário no meio rural, enquanto agrônomos, precisamos estar preparados para estas demandas.”

Os depoimentos evidenciam a pluralidade e multidisciplinariedade inerentes ao profissional de Agronomia. Segundo Jesus (1996, p.51), os educadores agrícolas, tanto da área das Ciências Sociais quanto das Ciências Naturais, acreditam que a formação deve iniciar-se sempre através dos blocos das ciências básicas, como física, química, economia e biologia, e somente depois poderiam os estudantes ter contato com uma ciência emergente e complexa como a Agricultura. Este ponto de vista contrasta-se com outro, segundo o qual o conhecimento (formação) é um produto social que não pode ser isolado dos processos nos quais é gerado – é dialético. O modelo problematizador, através do qual o aluno primeiro entra em contato com a realidade concreta, para depois passar pela *teoria/teorização* e a partir daí encontra as respostas mais adequadas aos problemas a serem enfrentados no trabalho com agroecossistemas, é muito mais adequado às necessidades de formação de profissionais aptos a atuar na área agrícola/agrária.

Por outro lado, os egressos que responderam “sim” ao questionamento, ponderam a importância de buscar complementariedade aos conteúdos ministrados:

“As viagens de estudo e disciplina optativa disponibilizaram conteúdo prático para a formação profissional.”

“Porque durante a graduação busquei um complemento dos temas abordados em sala de aula ao participar de grupos de pesquisa e extensão.”

“As noções repassadas durante as disciplinas permitem aos que vão trabalhar de maneira específica uma base satisfatória para o desempenho de suas funções, logicamente que o aperfeiçoamento é imprescindível. Não obstante, para aqueles que irão trabalhar em um contexto mais amplo, possibilita ao profissional formado um senso crítico apurado para embasar a suas tomadas de decisão.”

“Apesar de ter respondido sim, áreas como grandes culturas e mercado comercial deixam a desejar, já que a maioria inicia a vida profissional como representante de vendas, ou alguns ainda rejeitam propostas de primeiro emprego na área por não se sentirem preparados ao serem total desconhecedores de produtos, marcas e princípios ativos disponíveis no mercado.”

“Apesar das precárias condições de prática na UFSC, as disciplinas abordam boa parte do que o mercado de trabalho exige. TODAVIA, é imprescindível uma profunda melhoria nas aulas práticas, tanto em didática, bem como reciclagem de alguns professores e aquisição de materiais, máquinas e equipamentos.”

“O último ciclo de disciplinas, especialmente as focadas em administração rural, financeira e técnica contribuíram positivamente por haver um pouco mais relação às necessidades do mercado, mesmo que ainda superficialmente.”

Ainda abordando a problemática do processo formativo, sugestionamos aos egressos que responderam “não” na questão anterior, que apontassem alternativas para sanar as deficiências evidenciadas. Obtivemos as seguintes sugestões:

“Fruticultura tropical: dar ênfase na cultura da banana, maçã, videira, citrus e pequenos frutos.”

“Plantas de lavoura: dar ênfase em arroz irrigado, soja, feijão, trigo.”

“Área Florestal: dar ênfase no cultivo de Palmáceas (palmeira real, pupunha, jussara e imperial).”

“Ambiental: ensinar a elaborar projetos de licenciamento ambiental, planos de corte rasos, recomposição de áreas degradadas.”

“Economia rural: dar ênfase em elaboração de projetos de crédito e explicar as linhas de programas de financiamento do crédito agrícola.”

“Sugiro mais viagens de campo em cada região com muitas aulas práticas, focar em pragas e doenças e principalmente em controles químicos.”

“Agrobusiness, grandes culturas, produção agroindustrial, direito agrícola (legislação ambiental, lei dos agrotóxicos, política nacional de irrigação, etc.).”

“Acredito que o curso deva ser mais prático, o estágio de vivência deveria ser em semestres mais avançados. Ou ter outro, para que os alunos possam comparar.”

“Disciplinas como topografia e política agrícola foram muito mal ministradas no curso. Assuntos como crédito rural e programas de subsídio do governo não foram suficientemente abordados, tendo em vista que estão fortemente integrados com a produção agrícola no país hoje.”

“Construções rurais com ênfase em infraestrutura comunitária (estradas, barragens, reservatórios e redes de água, pavilhões, agroindústrias, sistemas para tratamento de resíduos, etc.).”

“Estágio em empresas, licenciamento ambiental, código florestal, legislação ambiental, georreferenciamento de áreas, alguma disciplina que ensine a elaborar plantas, layers, etc. Classificação de fisionomias florestais. Plantio de florestas.”

“É necessário a construção de relacionamentos com instituições públicas e privadas (empresas do agronegócio nacionais e multinacionais) mais efetivas que permitam ao estudante de Agronomia um maior contato com as necessidades de profissionais nestes dois segmentos de carreira.”

“Principalmente envolvendo todas as culturas, não vimos cana, nem algodão e são commodities importantes. Além de café e outras. O ensino nessa área foi extremamente superficial.”

“Falta no currículo matéria que aborde mercado, cálculos econômico, conhecimento das grandes lavouras, armazenagem, logística, etc.”

“SIM! Para que possamos nos projetar no mercado de trabalho e não ficar à mercê deste, precisamos de disciplinas profissionalizantes, e POUCA CARGA HORÁRIA para que tenhamos tempo para aprender de verdade sobre alguns poucos temas. Não há como se profissionalizar em tudo na área agrônômica, então, diante preferências, deveria se ter tempo para escolher uma área específica, se especializar, ter disciplinas profissionalizantes nessa área e sair da universidade com algum domínio de algum assunto.”

“Mesmo respondendo sim, acredito que disciplinas com ênfase no aspecto jurídico, tanto em relação à legislação ambiental e profissional, como em relação parte empresarial, são muito relevantes considerando que o mercado está muito bom para o setor privado. As cadeiras de administração e política agrária são também importantes e não tiveram o tratamento merecido pelo titular destas disciplinas, pelo menos durante a minha geração.”

Buscando elencar as áreas/disciplinas marcantes na formação dos egressos, indagamos aos entrevistados quais as que mais se destacaram, conforme observado na tabela 2:

Tabela 2 – Áreas/disciplinas que se destacaram na formação dos egressos de Agronomia da UFSC.

DISCIPLINAS	CITAÇÕES
SOLOS	15
BOVINOCULTURA	8
ZOOTECNIA	8
FRUTICULTURA	7
FITOPATOLOGIA	6
TODAS	5
EXTENSÃO RURAL	4
SILVICULTURA	4
PLANTAS DE LAVOURA	4
ENTOMOLOGIA	4
ENGENHARIA RURAL	4
ADMINISTRAÇÃO RURAL	3
IRRIGAÇÃO	3
PASTAGENS	3
AGROECOLOGIA	3
BIOTECNOLOGIA	3
MECANIZAÇÃO AGRÍCOLA	3
NENHUMA	3
DESENVOLVIMENTO RURAL	3
HORTICULTURA	2
HIDROLOGIA	2
ECOLOGIA	2
TECNOLOGIA DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS	2
FITOTECNIA	2
SUINOCULTURA	2
TOPOGRAFIA	2
AGRICULTURA FAMILIAR	1
OLERICULTURA	1
ANATOMIA E FISILOGIA VEGETAL	1
BÁSICO	1
PRV - PASTOREIO RACIONAL VOISIN	1
BOTÂNICA	1
ESTÁGIO DE CONCLUSÃO	1
SEMENTES	1
NUTRIÇÃO VEGETAL	1
PRODUÇÃO VEGETAL ORGÂNICA	1

Fonte: Elaborado pelo autor

A insegurança demonstrada pelos egressos quanto a sua base conceitual está intimamente ligada ao processo de ensino-aprendizagem adotados pela instituição. Segundo Jesus (2005, p.35), “as explicações encontradas para entender o desempenho discente, mostram fissuras que o fragmentam, repartindo a responsabilidade entre educadores, educandos e políticas públicas. Penso, todavia, que se trata de uma fragmentação também **psicopedagógica**, porque a profissão docente demanda preparação profissional adequada para as **interações pedagógicas pessoais**, já que **ensinar é um ato humano**. Como tal, implica encontro de pessoas (professor e aluno) cujas subjetividades aportam ao cenário docente idiosincrasias perturbadoras ou facilitadoras do processo”.

Apesar de toda controvérsia, quando questionamos se o curso colaborou com o desenvolvimento cultural e pessoal dos egressos, 91,94% responderam que “sim”, contra apenas 8,06% que responderam “não”. Mostrando que o ensino superior é engrandecedor sob qualquer aspecto, conforme nas considerações citadas pelos entrevistados:

“Universidade, diversidade de pessoas, integração de conhecimentos e muitas vivências.”

“Tive a oportunidade de realizar intercâmbio, fazer estágios muito bons e trabalhar como tutora de dois cursos.”

“Todo curso superior colabora para o desenvolvimento do acadêmico, principalmente entre os 17-25 anos, quando da formação do caráter e personalidade do ser social.”

“Colaborou no sentido de fornecer um olhar diferente sobre a agricultura, pecuária e também, de certo modo, um olhar com enfoque na antropologia, para entender a atual situação no campo e seus reflexos nos centros urbanos.”

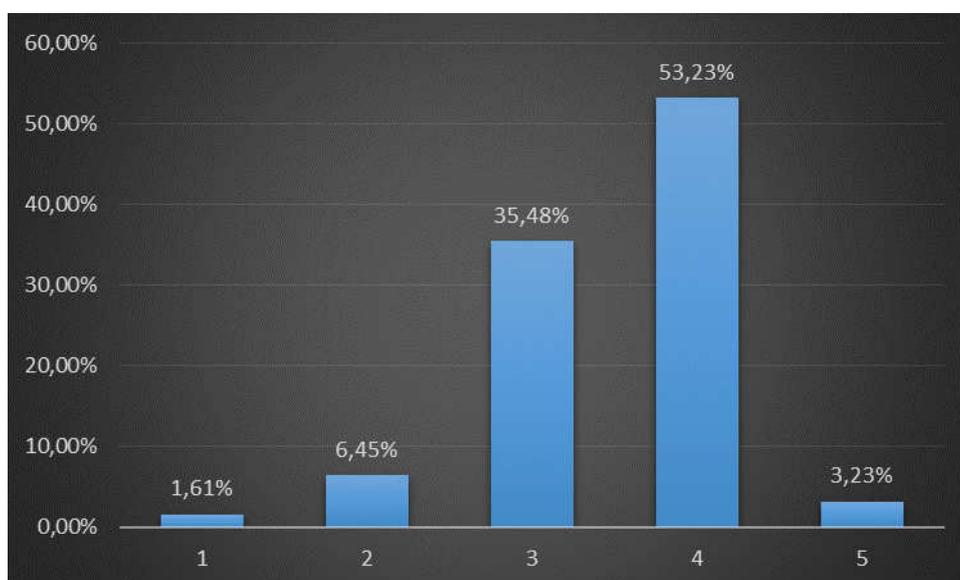
“Durante a faculdade que percebi que meu tipo de leitura favorita era a técnica. Li muitos livros sobre agricultura mundial, distribuição de alimentos, empresas de agroquímicos. No quesito pessoal, aprendi a lidar com pessoas com valores e expectativas de carreiras muito diferentes dos meus.”

“A Agronomia é uma engenharia singular, onde somos capacitados a entender e interagir com um leque muito grande de especialidades, desde áreas humanas, administrativas e gerenciais e também uma forte vocação técnica. A junção interdisciplinar deste curso de graduação permite uma formação sólida ao profissional e a flexibilidade exigida nestes profissionais para atuar em diferentes segmentos da economia.”

Ainda com o intuito de avaliação do curso e da instituição, solicitamos aos egressos que atribuísem uma nota de 0 a 5, onde a nota 0 significa “Péssimo”, e a nota 5 significa “Ótimo”, aos professores do curso, a biblioteca setorial do CCA, ao espaço físico para aulas práticas, ao curso e a instituição.

Quanto aos professores do curso, 3,23% dos entrevistados atribuíram nota 5 (Ótimo), 53,23% nota 4 (Bom), 35,48% nota 3 (Regular), 6,45% nota 2 (Ruim), e 1,61% nota 1 (Muito ruim), conforme gráfico 20:

Gráfico 20 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram aos professores do curso.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto à avaliação docente, Barros & Silva (1993) afirmam que

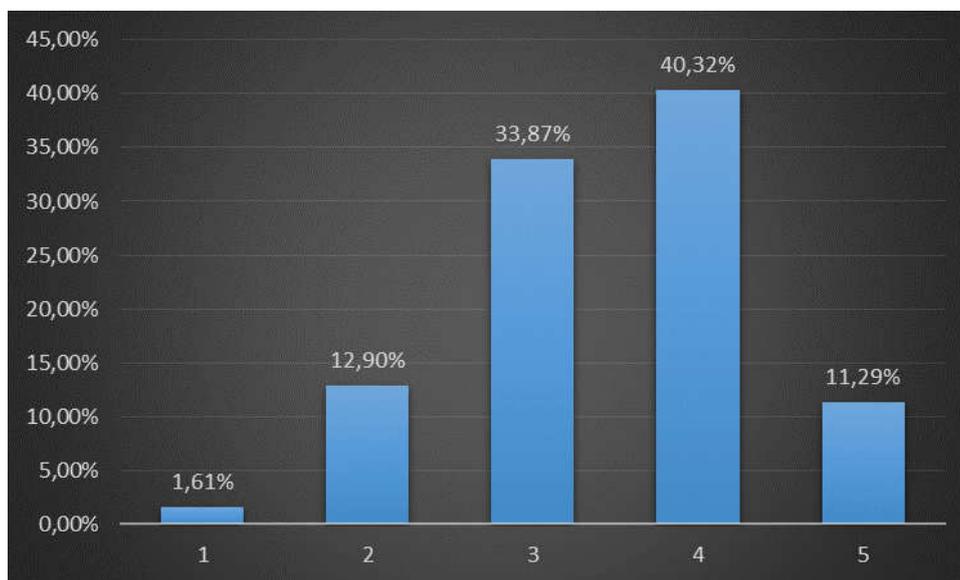
a capacitação científica não é necessariamente sinônimo de capacitação docente, haja vista que não basta o domínio da ciência e da metodologia de sua investigação. É mister a habilidade de **relacionamento professoral**, da **capacidade de transmitir conhecimentos**, de **estimular a criatividade** e de **ensejar o aluno**, o **espírito de dúvida**, da **criatividade** e da **busca do novo**. Esse **conjunto de habilidades** é que **dá ao cientista a possibilidade de ser chamado de professor**.

Ainda sobre à docência, Ramos et al. (1999, p.128) pesquisando a formação pedagógica e prática do professor universitário observou:

A deficiente valorização dada às aulas, na promoção do professor na carreira docente, leva-o a se dedicar mais à sua formação técnico-científica. Tal fato vem favorecer a realização de pesquisas, em detrimento da formação pedagógica, sendo também indicado como uma das dificuldades classificadas como muito importantes e que interferem na ação docente.

Quanto a biblioteca setorial do CCA, 11,29% dos egressos atribuíram nota 5 (Ótimo), 40,32% nota 4 (Bom), 33,87% nota 3 (Regular), 12,90% nota 2 (Ruim), e 1,61% nota 1 (Muito ruim), conforme gráfico 21:

Gráfico 21 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram a biblioteca setorial do CCA.

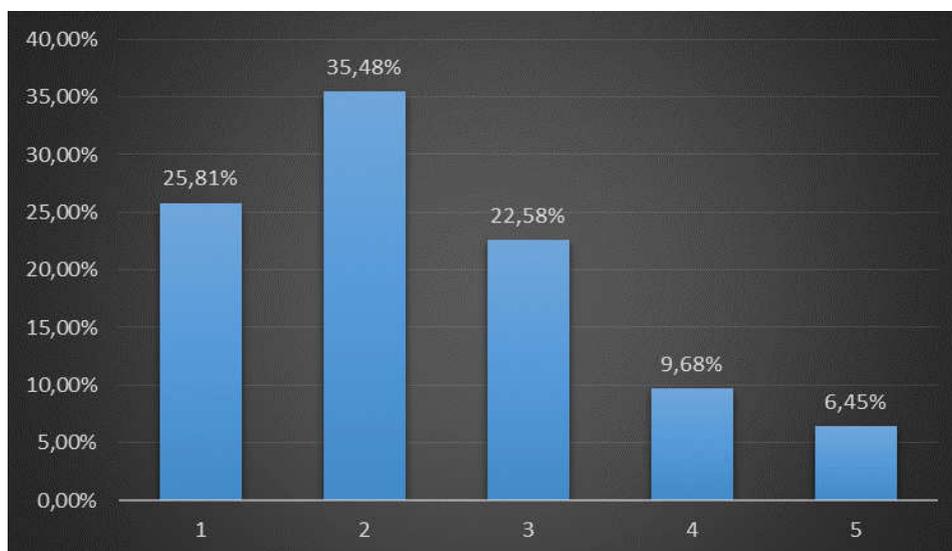


Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao espaço físico destinado para aulas práticas, a avaliação foi muito mais crítica que nas questões anteriores, corroborando com as deficiências evidenciadas nas considerações dos egressos quanto as disciplinas profissionalizantes. Os entrevistados consideraram o espaço físico para aulas

práticas do curso: 61,29% atribuem nota 1 ou 2 (Muito ruim e Ruim), 22,58% nota 3 (Regular), e 16,13% nota 4 ou 5 (Bom e Ótimo), conforme gráfico 22:

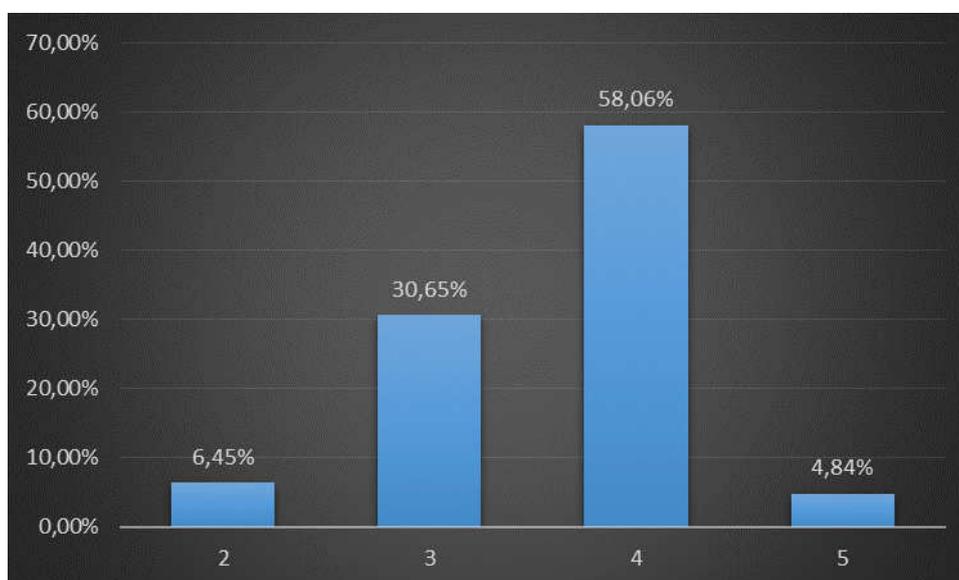
Gráfico 22 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram ao espaço físico para aulas práticas.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao curso, 4,84% dos egressos atribuíram nota 5 (Ótimo) ao curso, 58,06% nota 4 (Bom), 30,65% nota 3 (Regular), e 6,45% nota 2 (Ruim), conforme gráfico 23:

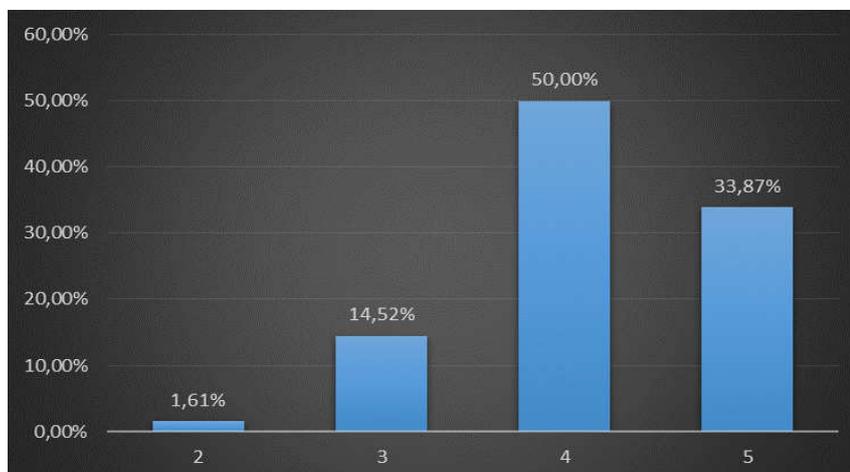
Gráfico 23 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram ao curso que concluíram.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto à instituição, houve uma avaliação muito positiva, onde 83,87% dos egressos atribuíram nota 4 ou 5 (Bom ou Ótimo) a UFSC, 14,52% nota 3 (Regular) e apenas 1,61% nota 2 (Ruim), conforme gráfico 24:

Gráfico 24 – Nota que os egressos de Agronomia da UFSC atribuíram a instituição UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

O próximo questionamento foi quanto ao contato do egresso com a instituição, onde 50% dos entrevistados mantêm algum vínculo. Destes, 56,67% estão ligados a cursos de atualização ou pós-graduação, e 23,33% participam de eventos promovidos pela instituição, conforme gráfico 25:

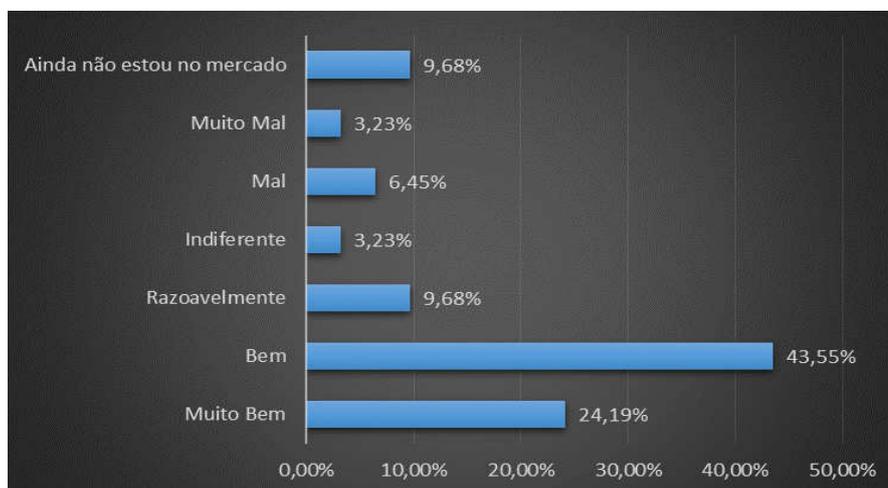
Gráfico 25 – Vínculo que os egressos de Agronomia da UFSC mantêm com a instituição UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Avaliando o mercado para o egresso de Agronomia da UFSC, questionamos quanto ao acolhimento do mercado de trabalho ao profissional oriundo da UFSC e obtivemos resultados positivos, onde 67,74% consideram-se bem ou muito bem acolhido, conforme gráfico 26:

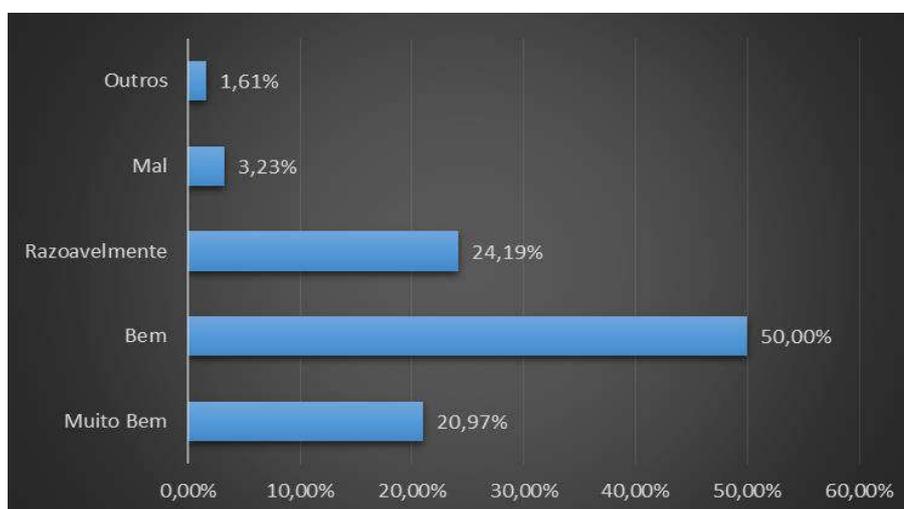
Gráfico 26 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao acolhimento do mercado de trabalho ao profissional oriundo da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

E na comparação com profissionais de outras instituições quanto à formação acadêmica, 70,97% dos nossos egressos consideram-se bem ou muito bem, e 24,19% razoavelmente, conforme gráfico 27:

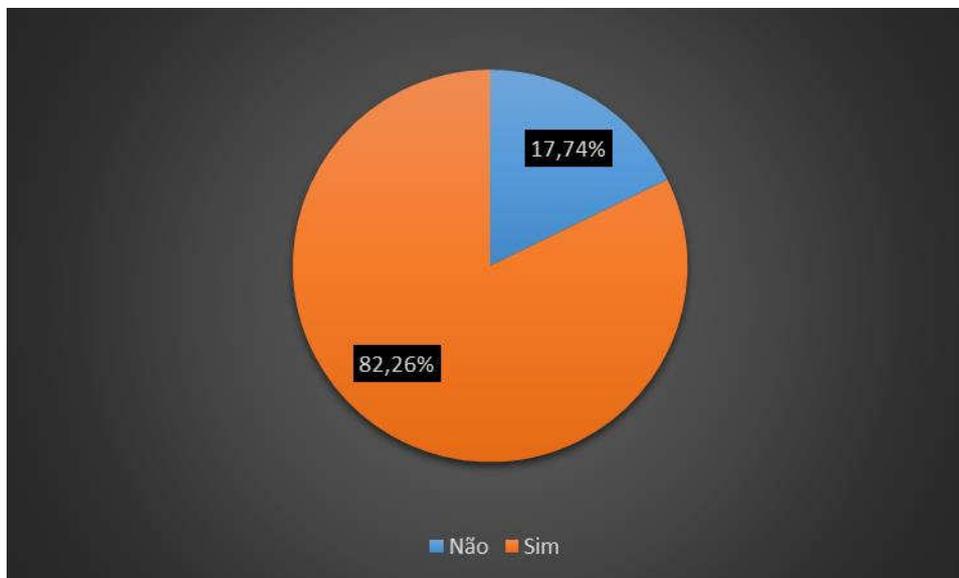
Gráfico 27 – Percepção dos egressos de Agronomia da UFSC quando comparado a profissionais de outras instituições, referente a sua formação acadêmica.



Fonte: Elaborado pelo autor

Com o intuito de ratificar a aprovação da instituição frente ao egresso de Agronomia da UFSC, indagamos se ele escolheria novamente a UFSC para realizar o seu curso, e 82,26% retornaria à instituição, e 17,74% não.

Gráfico 28 – Egressos de Agronomia da UFSC que escolheriam novamente a UFSC para realizar seu curso.



Fonte: Elaborado pelo autor

As razões elencadas pelos egressos de retornar à instituição são as seguintes:

“Currículo reformulado e novos professores.”

“É uma ótima universidade e possui cursos/especializações boas e reconhecidas nacionalmente.”

“A UFSC é uma das melhores Universidades que tive contato, o único problema é que o Centro de Ciências Agrária não está no mesmo ritmo da UFSC.”

“Porque nossa agronomia é diferente do resto do Brasil/mundo. Conseguimos integrar a visão agroecológica e convencional. E isso nos torna profissionais diferentes.”

“A Universidade Federal de Santa Catarina é reconhecida nacional e internacionalmente pelo alto nível de seu corpo docente e, de certa forma, consegue manter-se atualizada com as mudanças no espaço onde estamos inseridos.”

“Apesar de eu achar que não é possível comparar o nível técnico final dos alunos saídos da ESALQ ou Lavras com a UFSC, acho que nossa escola tem uma base agroecológica forte, muito voltada ao produtor familiar, desenvolvimento de comunidades e uso racional da terra e de insumos. Não troco esta opção por nada.”

As razões pelas quais os egressos preferem outra instituição, também são dispostas abaixo:

“Devido a distância da minha cidade e alto custo para moradia.”

“Tirando os cursos de Engenharia, a UFSC está aquém de outras universidades brasileiras como por exemplo a USP.”

“Porque acho que em geral ela não prepara para o mercado de trabalho tanto quanto prepara para a vida acadêmica.”

“Convivi com o Centro Universitário da Lages e reparei a diferença com a UFSC. Professores, espaço físico, biblioteca de melhor qualidade.”

“Existem outras universidades públicas que preparam o acadêmico com foco no mercado de trabalho, e desenvolvem projetos de grande porte em áreas de importância no mundo rural (UFV, UFL, Esalq, USP).”

“Porque restringe a formação do agrônomo para um mercado de trabalho muito específico, voltado apenas ao cultivo orgânico/agroecológico. De certa forma o curso de agronomia da UFSC ignora o agronegócio brasileiro e as práticas utilizadas em larga escala no país.”

Também questionamos os egressos se recomendariam a UFSC para realizar curso de formação profissional, e 98,39% dos entrevistados afirmaram que “sim”, ratificando a aprovação de nosso egresso à instituição. Isto fica evidenciado nas considerações a seguir:

“A UFSC tem cursos de excelência fora do CCA.”

“A UFSC possui cursos muito bem conceituados no mercado de trabalho.”

“Porque somos profissionais diferenciados. Mas não recomendaria se a pessoa não tivesse vontade de sair da grande Florianópolis.”

“Por que a UFSC é muito diversa. Recebe alunos de todos os lugares do mundo, o intercâmbio de ideias é muito intenso.”

“Pois a UFSC apresenta uma boa infraestrutura para acolhimento e suporte aos acadêmicos como um todo. Existem bons cursos superiores na universidade.”

Finalizando este tópico da pesquisa, Doni Filho & Cavallet (1997, p.25) em pesquisa realizada com o objetivo de se refletir sobre a formação do Engenheiro Agrônomo, nas conclusões destacaram:

Os problemas dos profissionais de Agronomia são comuns independentemente da escola onde se formou;

Todos os profissionais concordam que o conhecimento adquirido no curso de Agronomia não é suficiente;

Aparece implícita a necessidade de capacitação constante (formação continuada) do profissional, no entanto não está claro o papel da universidade nessa reciclagem de conhecimento do profissional já diplomado;

A reclamação permanente por mais práticas, de boa parte dos alunos e profissionais, pode ser entendida como maior exercício da realidade social e profissional. É provável que isso só pode ser alcançado com a mudança do modelo pedagógico nos cursos, que leve em conta a realidade agrícola: complexa, ampla e pluralista;

Um novo enfoque no ensino de Agronomia deve ser amadurecido, no sentido da formação de um profissional com sólida base científica aplicada a conhecimentos de realidade; e

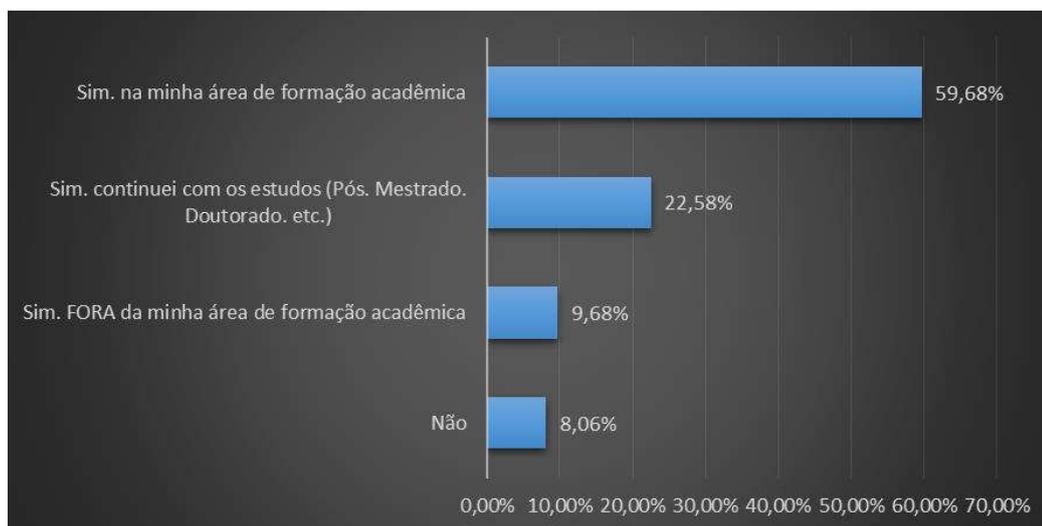
A continuidade na crítica para a evolução do ensino, na busca da formação de um profissional mais adequado as necessidades sociais do campo, aponta para a continuidade de pesquisas sobre o ensino e áreas de conhecimento da Agronomia.

3.4 A atuação profissional dos egressos

Neste último tópico da pesquisa, buscamos mapear a evolução profissional do egresso de Agronomia da UFSC, onde estão atuando estes profissionais e quais as demandas encontradas neste mercado de trabalho.

Primeiramente questionamos os egressos se estão exercendo atividade profissional atualmente, e 59,68% responderam que “sim, na minha área de formação acadêmica, 22,58% “sim, continuei os estudos (pós, mestrado, doutorado, etc.)”, 9,68% “sim, FORA da minha área de formação acadêmica”, e 8,06% não estão exercendo atividade profissional, conforme gráfico 29:

Gráfico 29 – Atividade profissional exercida pelos egressos de Agronomia da UFSC atualmente.



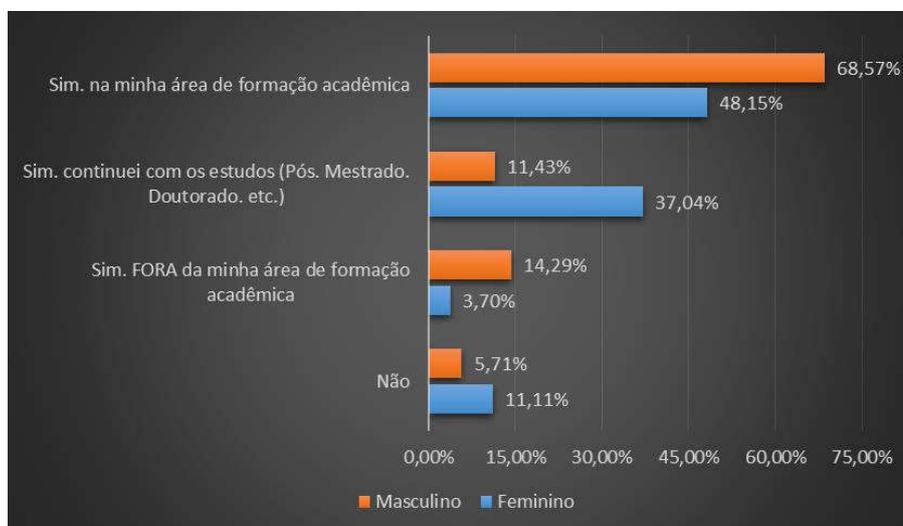
Fonte: Elaborado pelo autor

Segundo dados do informativo UFSC em números (2012), o custo corrente médio anual por aluno equivalente, de 2003 a 2011, foi de R\$ 10.871,24. Considerando que 17,74% dos egressos não estão atuando na área de conhecimento para que foram formados, podemos estimar que no universo de 635 egressos no período de 2003 a 2012, 112 egressos não estão atuando como Agrônomos. Seguindo este raciocínio, considerando que estes 112 egressos permaneceram o mínimo de 5 anos para sua formação, podemos estimar que neste período foram investidos pela sociedade cerca de R\$ 6.100.000,00 na formação de Agrônomos que não retornará à sociedade em forma de conhecimento agrônomo.

Estes números são mais reveladores quando relacionamos com o gênero, pois enquanto o percentual de mulheres que não exerce atividade profissional é de 11,11%, o percentual de homens é de 5,71%. A dificuldade feminina na profissão, já evidenciada na renda, acaba provocando um viés acadêmico para as

Engenheiras Agrônomas, onde 37,04% estão continuando os estudos (pós, mestrado, doutorado, etc.), contra 11,43% dos homens, conforme gráfico 30:

Gráfico 30 – Atividade profissional exercida pelos egressos de Agronomia da UFSC atualmente, segundo o gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor

Dentre os egressos que não estão atuando na área de formação, 50% atribui ao mercado de trabalho, e 25% melhores oportunidades em outras áreas, conforme gráfico 31:

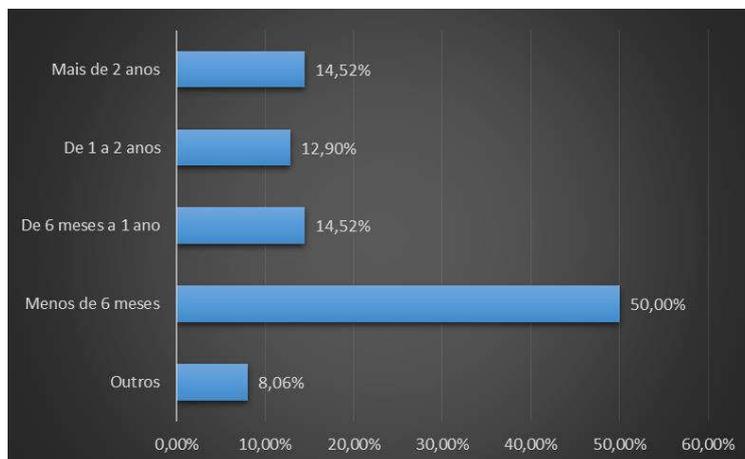
Gráfico 31 – Motivo pelo qual os egressos de Agronomia da UFSC não estão exercendo atividade profissional na área de formação.



Fonte: Elaborado pelo autor

A próxima questão refere-se ao tempo que houve entre a formatura e o início da atividade profissional, onde 50% afirmam ter iniciado com menos de 6 meses de formado, 14,52% de 6 meses a 1 ano, 12,90% de 1 a 2 anos e 14,52% mais de dois anos, conforme gráfico 32:

Gráfico 32 – Tempo que houve entre a formatura e o início da atividade profissional dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Com o intuito de verificar os caminhos que levaram os egressos a vida profissional, questionamos em que circunstâncias eles obtiveram seu trabalho, onde 27,42% afirmam ter sido por seleção de currículo, apenas 17,74% por estágio, e indicação e concurso público obtiveram o mesmo índice de 14,52%, conforme gráfico 33:

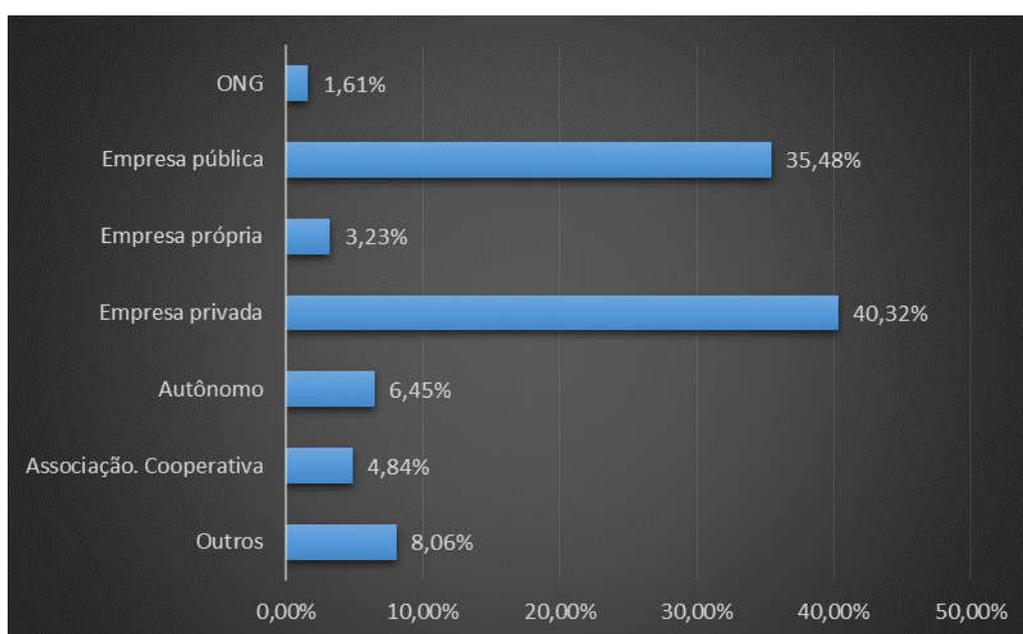
Gráfico 33 – Circunstâncias em que os egressos de Agronomia da UFSC obtiveram seu trabalho.



Fonte: Elaborado pelo autor

Quando perguntados que tipo de organização exercem sua atividade profissional, 40,32% estão em empresas privadas, 35,48% em empresas públicas, 6,45% são autônomos, 4,84% estão em associações e cooperativas, 3,23% possuem empresa próprio, e 1,61% desempenham sua atividade em ONG, conforme gráfico 34:

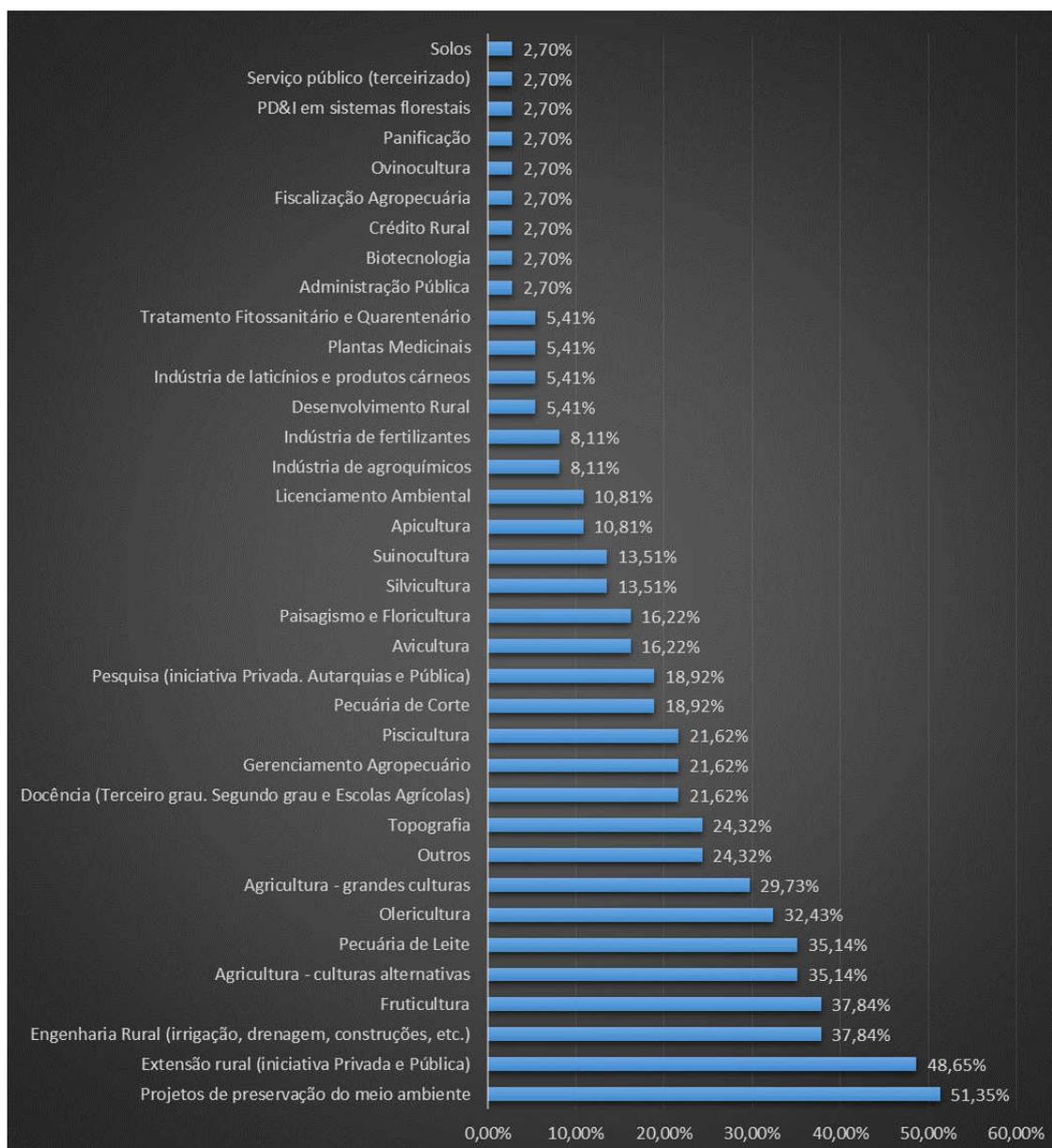
Gráfico 34 – Organizações em que os egressos de Agronomia da UFSC exercem sua atividade profissional.



Fonte: Elaborado pelo autor

Afim de mapear as áreas de atuação dos egressos de Agronomia da UFSC, solicitamos aos entrevistados que exercem atividade na área agrônômica que indicassem as áreas que atuou ou está atuando, e obtivemos os resultados mostrados no gráfico 35:

Gráfico 35 – Áreas de atuação dos egressos de Agronomia da UFSC.



Fonte: Elaborado pelo autor

Avaliando o nível de satisfação profissional dos egressos, solicitamos que eles atribuíssem uma nota de 0 a 5, onde a nota 0 significa “Péssimo”, e a nota 5 “Ótimo”, quanto os aspectos financeiro e social de sua profissão.

Em virtude de encontrarmos diferentes percepções entre gêneros, onde 44,44% das mulheres atribuem nota 1 ou 2 (Muito ruim ou Ruim), apresentamos os dados quanto ao aspecto financeiro, segundo o gênero, conforme gráfico 36:

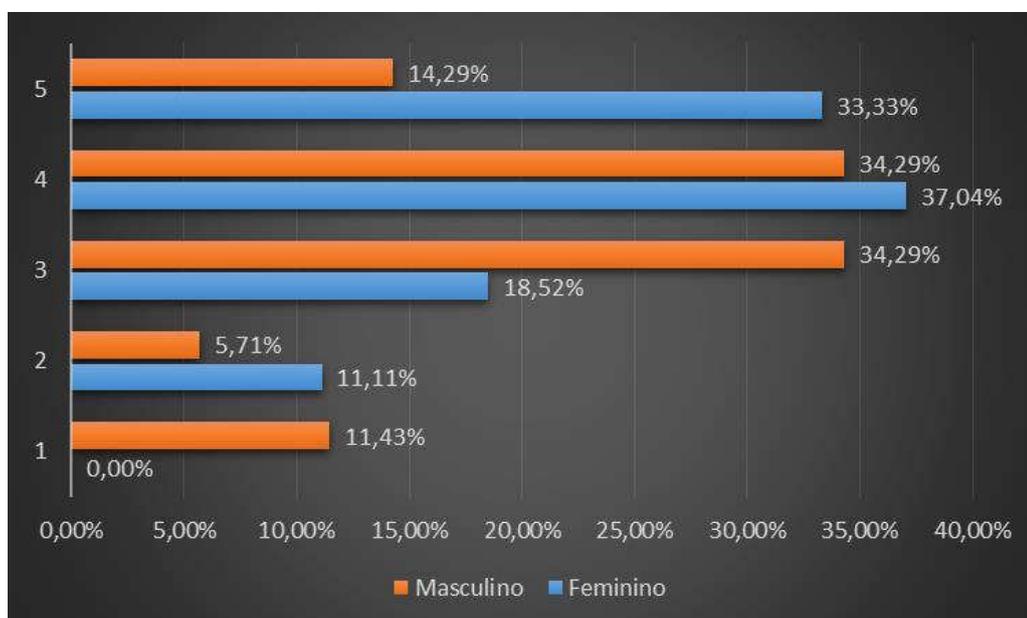
Gráfico 36 – Nível de satisfação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao aspecto financeiro, segundo o gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor

Efetuamos o mesmo tratamento aos dados quanto a satisfação no aspecto social, onde 70,37% das mulheres atribuem nota 4 ou 5 (Bom ou Ótimo) à satisfação social com a profissão, conforme gráfico 37:

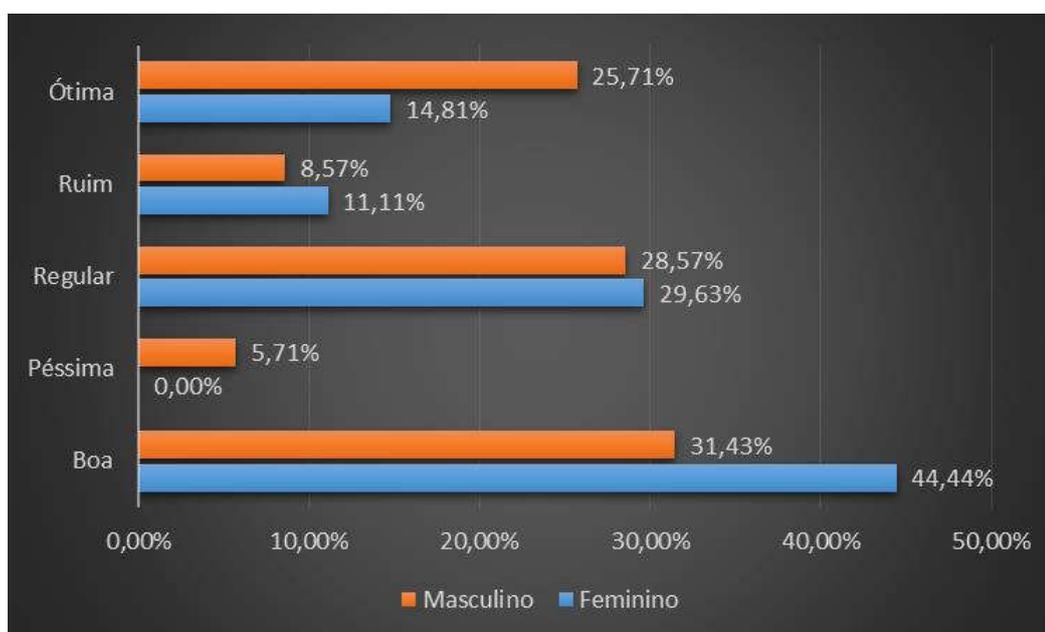
Gráfico 37 – Nível de satisfação dos egressos de Agronomia da UFSC quanto ao aspecto social, segundo o gênero.



Fonte: Elaborado pelo autor

O último questionamento da pesquisa diz respeito à como o egressos de Agronomia da UFSC avalia a perspectiva profissional na sua área. Neste contexto também houve diferença entre os gêneros, onde as mulheres apresentaram uma visão mais otimista da profissão, com 59,25% entre boa e ótima, conforme gráfico 38:

Gráfico 38 – Avaliação da perspectiva profissional dos egressos de Agronomia da UFSC na sua área de atuação.



Fonte: Elaborado pelo autor

Finalizando o tópico referente a vida profissional dos egressos de Agronomia da UFSC, destacamos que a melhoria na formação profissional possibilitam maiores oportunidades no mercado de trabalho e um retorno eficaz à sociedade do investimento no ensino superior. Sobre isto, Moura (2005, p.179) escreveu:

O profissional se faz na escola, mas só se realiza no mundo do trabalho. A segurança profissional depende da formação escolar, que inclui principalmente disciplinas com sequência de conteúdos, mas também outras vivências. As atividades extracurriculares também cumprem papel importante nesta formação, habilitando-o ao diálogo textualizado. Muitas vezes, estas atividades são percebidas, hoje, apenas como *commodity* acadêmica, mas elas traduzem parte do “nível superior” da formação: a capacidade de textualizar conhecimento, de problematizar, de dar opiniões criativas e de desafiar temáticas tradicionais a novos enfoques.

Neste sentido, para Polan Lacki (1999, p.61) “o egresso não poderá ter uma visão global e sistêmica dos problemas da agricultura e muito menos da maneira que deverão ser solucionados em forma integral, se durante o seu período de formação universitária estuda sob a forma de fragmentos e compartimentos estanques”.

Com isso, o conhecimento agrônomo vive uma crise paradigmática, e muitos agrônomos do presente, uma crise de identidade e de emprego.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente não há instrumentos de avaliação do curso a partir da percepção de seus egressos. Uma das poucas avaliações do ensino superior se dá por meio do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE, que tem o objetivo de avaliar o desempenho dos estudantes com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos de graduação, verificar o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial, integrando o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior juntamente com a avaliação institucional e a avaliação dos cursos de graduação. Infelizmente, o desempenho deste discente como egresso ainda é uma incógnita.

Em 2009, o desempenho dos estudantes de Agronomia da UFSC no ENADE foi abaixo da crítica, evidenciando as mazelas de um sistema falho e ineficiente de ensino. É de fundamental importância que os atores envolvidos (discentes, docentes e instituição) assumam suas responsabilidades para que possamos respaldar o investimento da sociedade no ensino superior, formando profissionais capazes de responder as demandas da realidade rural.

A permanência de ações pedagógicas inadequadas ao perfil estabelecido pelo PPC, a carga horária extremamente elevada de disciplinas e do curso como um todo, a dicotomia existente entre teoria e prática e a desconexão entre a instituição e o mundo do trabalho, levam alunos a demonstrarem praticamente nenhuma preocupação em ir além das obrigações mínimas, não passando de cumpridores reticentes de tarefas, aumentando a tensão entre os alunos que procuram “levar o curso no menor esforço” e aqueles que procuram, ao contrário, mostrar que o trabalho sério é necessário para uma formação de qualidade. Esse quadro é contraditório com o desejo de formar profissionais competentes, criativos e com iniciativa, conforme definido no perfil do egresso.

A aplicação continuada do modelo proposto nesta pesquisa permitirá avaliar com base realista a eficiência da formação do profissional de Agronomia, levantando seus problemas, críticas e sugestões, o que identifica diversas

demandas que poderão ser discutidas entre a comunidade acadêmica e a sociedade.

Os dados obtidos também permitem reavaliar e/ou reestruturar diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem, tais como: currículo, compartimentação do conhecimento (básico e profissionalizante), coesão entre teoria e prática, adequação do espaço físico para aulas práticas, valorização e capacitação pedagógica aos docentes, conexão com o mercado de trabalho e organizações, e a promoção da interface entre disciplinas e departamento.

O levantamento dos fatores externos de influência (mercado de trabalho) permitem averiguar melhor como anda a motivação e inserção dos egressos, assim como elaborar melhor as políticas e as estratégias de aproximação de organizações, promovendo uma rede de contatos ao futuro profissional. O setor de Estágios e Atividades Extracurriculares tem papel fundamental neste aspecto. Uma maior preocupação com a formação continuada dos graduados e o monitoramento destes profissionais também se faz pertinente à evolução e caracterização do perfil de profissional idealizado pelo PPC.

Por meio dos resultados obtidos do levantamento dos dados da presente pesquisa e apresentados neste trabalho, é possível afirmar uma insegurança dos egressos quanto ao seu embasamento conceitual, onde 63% dos egressos afirmam não estar preparados para o mercado de trabalho quando se formaram, em virtude do frágil conhecimento prático das disciplinas ministradas, onde 35% dos entrevistados revelam que as disciplinas profissionalizantes não contribuíram para o seu desempenho profissional, pautados nas condições inadequadas atribuídas as aulas práticas, em que 61% avaliaram como ruim ou péssimo o espaço físico destinado a elas.

Podemos concluir também que a proposta do curso, com um viés agroecológico e sustentável apresenta resultados positivos, pois 67% dos egressos consideram-se bem ou muito bem recebidos pelo mercado de trabalho em virtude da instituição, e em comparação com profissionais de outras instituições, este percentual sobe para 71%. Quanto ao mercado, há uma evidente discriminação entre homens e mulheres, tanto na inserção no mercado de trabalho, como na renda, induzindo as egressas a carreira acadêmica e ao

desemprego. Este cenário sugere uma ação institucional no apoio destas mulheres no desenvolvimento de sua profissão.

A instituição deve buscar um meio de proporcionar condições para que os estudantes conheçam, convivam e interajam com a realidade concreta da agricultura, das famílias rurais, das suas propriedades, das suas comunidades, dos mercados, das agroindústrias, e dos serviços que apoiam o desenvolvimento do setor agrário. Esta convivência deve ocorrer desde o primeiro semestre do curso porque não é razoável ensinar aos estudantes a solucionar os problemas rurais se antes disto os alunos nem sequer tiveram a oportunidade de conhecer os problemas que pretende resolver. E que na medida do possível o ensino seja diretamente no campo, em torno de problemas produtivos, gerenciais ou comerciais concretos, ao invés de ensinar exclusivamente em sala de aula, no computador, e no laboratório, disciplinas de forma isolada e desconectada de outras matérias e da problemática real dos agricultores. Que os estudantes formulem soluções com o seu próprio engenho e executem as práticas com suas próprias mãos, em vez de limitar-se a ouvir e a observar o que dizem e fazem os docentes. Pois, conforme Freire (2006, p. 89) “a capacitação técnica, que não é adestramento animal, jamais pode estar dissociada das condições existenciais dos agricultores, de sua visão cultural e de suas crenças. Deve partir do nível que eles se encontram, e não daquele em que o Engenheiro Agrônomo julgue deveriam estar.”

Por fim, este trabalho é um "convite" para que façamos uma autocrítica e não continuemos perdendo tempo em identificar supostos "inimigos externos" (colonialismo, imperialismo, neoliberalismo, globalização, multinacionais, agronegócio, etc.), tão remotos no tempo e tão longínquos no espaço. Neste projeto se propõe que nos dediquemos, prioritariamente e de maneira muito mais construtiva, a eliminar os "inimigos internos" que estão nas atitudes e nos procedimentos que discentes, docentes e gestores adotam na formação do profissional de Agronomia.

5. REFERÊNCIAS

- AHRENS, D.C; CAVALLET, V. J; BARROS-AHRENS, S. de. Os administradores rurais: formação universitária e mercado de trabalho. **Educação Agrícola Superior**. Brasília: ABEAS, v.19 (02): 13-21, jan./jun., 2002.
- ALBUQUERQUE, L. C. de. **Universidade e realidade brasileira**. Recife: UFPB/ Ed. Universitária, 1979.
- ALMEIDA, Ana Maria. **Um estudo sobre a avaliação da aprendizagem em um curso superior de ciência agrônoma**. 1992. Tese (Doutorado em Psicologia da educação) – Educação, UNICAMP, Campinas-SP, 1992.
- ALTAFIN, J.; SOARES, V. P. **A Constituição e a autonomia das universidades**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1988.
- BARROS, Aidil da Silveira Barros; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia**: um guia para iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BARROS, D. S; SILVA, C. C. **Entre a autonomia e a competência**. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1993. 123p.
- BRASIL. Lei Nº 10.861, de 14 de abril de 2004. **Institui o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior – SINAES**, 2004. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.861.htm>. Acessado 05/11/13 as 0013hs.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 4 ed. São Paulo: Makron Books, 1996.
- CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos Humanos**: O capital humano das organizações. São Paulo: Atlas, 2006.
- DONI FILHO, L e CAVALLET, V. J. O ensino da área de sementes na formação do engenheiro agrônomo. **Revista da Associação Brasileira de Educação Agrícola Superior**, Brasília, v.15, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessárias à prática educativa. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 9ed., 1996.
- _____. **Extensão ou comunicação**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 13ed., 2006.
- GIL, Antonio Carlos. **Didática do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 177p.

- JESUS, Eli Lino. Perfil do profissional para atuar em agroecologia: um novo desafio às escolas de ciências agrárias. In: Federação dos estudantes de agronomia do Brasil. **Formação profissional do agrônomo**. Crus das Almas: FEAB/CONFEA, 1996.
- LACKI, Polan. A formação de profissionais para profissionalizar agricultores: e para o difícil desafio de produzir mais com menos. **Educação Agrícola Superior**. Brasília: ABEAS, v.17 (01): 13-21, jan./jun., 1999.
- LAKATOS, **Metodologia do Trabalho Científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 219 p.
- LUZ, R. **Gestão do Clima Organizacional**. Qualitymark, Rio de Janeiro, 2003. 143 p.
- MALHOTRA, N. JR. N. M. FARIAS, A. A. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre, 2001. 719 p.
- MARRAS, J. P. **Administração de Recursos Humanos**: do operacional ao estratégico. 9. ed. São Paulo: Futura, 2000. 323 p.
- MARTIN, Caetano. Gestão de processos de apropriação de conhecimento na formação do agrônomo. 2003, 122p. Dissertação de mestrado em educação. PUCPR, Curitiba-PR, 2003.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**: 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2001. 275 p.
- MILKOVICH, G. T. BOUDREAU, J. W. **Administração de Recursos Humanos**, São Paulo: Atlas, 2000. 524p.
- MILLÉO, M. V. R. **O ensino reflexivo na formação do engenheiro agrônomo**: um estudo de caso na fitotecnia. 2000, 160p. Tese de doutorado. UFPR, Curitiba-PR, 2000.
- MOTTA, F. C. P; VASCONCELOS, I. F. G. **Teoria Geral da Administração**. São Paulo: Pioneira, 2002. 434 p.
- MOURA, Olga Nogueira de Souza. **A nova realidade no contexto da formação profissional de Agronomia**. 2005, 239p. Tese de doutorado. UFRGN, Natal-RN, 2005.
- NASSAR, Silvia M., WRONSCKI, Vilson R., OHIRA, Masanao et al. SEstatNet - Sistema Especialista para o Ensino de Estatística na Web. URL de acesso: <http://www.sestat.net> . Florianópolis - SC, Brasil. Acessado 01/11/2013 as 1400hs.
- OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica**: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. São Paulo: Pioneira, 1999.
- OLIVEIRA, D.P.R. **Sistemas de Organização e Métodos**: uma abordagem gerencial. 13. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 499 p.
- OLIVEIRA, D.P.R. **Sistemas de Organização e Métodos**: uma abordagem gerencial. 18. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 473 p.

PASSOS, L; VEIGA, A. A prática pedagógica do professor de didática. Campinas: Papirus, 1989. 183p.

PARECER CNE Nº 776/97. Orienta para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf> Acesso em: out./2013.

RAMOS, V. B. N; CAMPELO, P. L. G; ANJOS SILVA, E. M. V. dos; FARIAS, C.V. Formação pedagógica e prática do professores universitário: desafios. **Educação Agrícola Superior**. Brasília: ABEAS, v.17 (01): 122-129, jan./jun., 1999.

RIBEIRO, A. L. **Teorias da Administração**. 1. ed. Saraiva, 2004.154 p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES, M. V. C. **Qualidade de vida no trabalho: evolução e análise no nível gerencial**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. 207 p.

SOUZA, Sandra Elisa R. **A inserção da Educação Ambiental no Currículo do Curso de Agronomia: Um Estudo de Caso na UFSM**. 2006, 99f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação. Santa Maria-RS, 2006.

SOUZA, Márcio Barros; ORTIZ, Herculano Camargo. **A estrutura básica para o ensino superior de contabilidade**. In: PELEIAS, Ivam Ricardo (org.). Didática do Ensino da Contabilidade. São Paulo: Saraiva, 2006.

TEODORO, Antônio; VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; DUARTE, Jose Bantim. **Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária**. São Paulo: Mackenzie: Cortez, 2003.

VERGARA S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 88 p.

VERGARA, S. C. **Gestão de Pessoas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2003. 213 p.

Projeto Político Pedagógico da Universidade Federal do Paraná, <http://www.loureiro.bio.br/agronomia/site/?q=node/24>, Acessado 03/11/13 as 2146h.

Salário Mínimo Profissional para os profissionais de Agronomia <http://www.confea.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=15417&sid=10>, Acessado 02/11/13 as 2207h.

UFSC em números: Série Histórica dos Indicadores de Gestão http://dplseplan.paginas.ufsc.br/files/2013/02/UFSC_EM_NUMEROS_2002_20111.pdf , Acessado 10/11/13 as 2355h.

6. ANEXO

1 A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE AGRONOMIA DA UFSC FORMADOS NA ÚLTIMA DÉCADA EM RELAÇÃO À SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA E AO MERCADO DE TRABALHO.

Caros Colegas,

Os dados obtidos pela aplicação do presente instrumento (questionário), visam à construção de um projeto de pesquisa empírica em Agronomia, organizado no âmbito da disciplina “Estágio de Conclusão de Curso” da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto proposto terá por objeto avaliar A PERCEPÇÃO DOS EGRESSOS DO CURSO DE AGRONOMIA DA UFSC FORMADOS NA ÚLTIMA DÉCADA EM RELAÇÃO À SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA E AO MERCADO DE TRABALHO. Desejando receber os resultados, queira indicar seu E-mail no final do questionário.

Agradecemos, desde já, a sua valiosa colaboração.

Conclusão do Curso(ano/semestre): *

Gênero: *

- Masculino
- Feminino

Etinia: *

- Branca
- Afrodescendente
- Asiática
- Parda
- Indígena

Estado Civil: *

- Solteiro (a)
- Casado (a) / União estável
- Viúvo (a)
- Divorciado (a)

Nacionalidade: *

- Brasileira
- Estrangeira

Naturalidade: *

Cursou o segundo grau, em sua maioria, em: *

- Instituição Pública
- Instituição Particular

Ocupação do Pai: *

Ocupação da Mãe: *

Renda atual: *

- Menos de 3 salários mínimos (menos de R\$ 2.034,00)
- De 3 a menos de 6 salários mínimos (de R\$ 2.034,00 a menos de R\$ 4.068,00)
- De 6 a menos de 9 salários mínimos (de R\$ 4.068,00 a menos de R\$ 6.102,00)
- De 9 a menos de 12 salários mínimos (de R\$ 6.102,00 a menos de R\$ 8.136,00)
- De 12 a menos de 15 salários mínimos (de R\$ 8.136,00 a menos de R\$ 10.170,00)
- 15 salários mínimos ou mais (R\$ 10.170,00 ou mais)

Por que escolheu cursar Agronomia? *

- vocação profissional
- influência pais/amigos
- profissão valorizada
- Other:

Era a primeira opção de curso desejada? *

- Sim
- Não

Se não, qual era a 1ª opção?

Em sua formação em nível de graduação, participou de... *

- Grupos de estudo
- Projetos de pesquisa
- Projetos de extensão universitária
- Monitoria
- Estágio não obrigatório

- Intercâmbio
- Other:

Quanto a sua dedicação aos estudos durante o curso, você pode afirmar que foi: *

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

Quanto a sua assiduidade e pontualidade às aulas, você pode afirmar que foi: *

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

Quanto ao envolvimento nas atividades (projetos, consultas, bibliografias, trabalhos, etc.) solicitadas durante o curso, você pode afirmar que foi: *

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

A sua auto avaliação, como aluno, Você considera: *

- Ótimo
- Bom
- Regular
- Ruim
- Péssimo

Após a graduação, você realizou curso(s) de pós-graduação? *

- Sim
- Não
- Em realização

Em caso afirmativo, qual o nível do último curso realizado e /ou em realização?

- Especialização
- MBA
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

Em caso afirmativo, qual o nível do último curso realizado e /ou em realização?

- Especialização
- MBA
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

Cursos de extensão/capacitação/atualização?

Quanto a idioma(s): *

- Nenhum
- Inglês
- Espanhol
- Francês
- Italiano
- Alemão
- Other:

Quanto ao domínio do idioma(s):

- Básico
- Intermediário
- Avançado

Você considera que estava preparado para o mercado de trabalho quando se formou? *

- Sim
- Não

Por quê?

As disciplinas profissionalizantes contribuíram para o seu desempenho profissional? *

- Sim
- Não

Por quê?

Se você respondeu “não” na questão anterior, você teria alguma(s) sugestão(ões) de disciplina(s) que sanaria(m) essa deficiência?

Qual área/disciplina profissionalizante você destaca na sua formação? *

Por quê?

O curso, como um todo, colaborou para seu desenvolvimento cultural e pessoal? *

- Sim
- Não

Por quê?

De forma geral, que nota você atribui aos professores do curso? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

De forma geral, que nota você atribui a biblioteca setorial CCA? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

De forma geral, que nota você atribui ao espaço físico para aulas práticas? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

De forma geral, que nota você atribui ao curso que concluiu? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

De forma geral, que nota você atribui a UFSC? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

Você tem mantido algum contato com a UFSC? *

- Sim

- Não

Se Sim, em qual situação?

- Participação em eventos
- Cursos de atualização / Pós-graduação
- Other:

Como você foi acolhido como egresso da UFSC no mercado de trabalho? *

- Muito Bem
- Bem
- Razoavelmente
- Mal
- Muito Mal
- Other:

Na comparação com profissionais de outras instituições, como você se considera quanto a sua formação acadêmica? *

- Muito Bem
- Bem
- Razoavelmente
- Mal
- Muito Mal
- Other:

Você escolheria novamente a UFSC para realizar seu curso? *

- Sim
- Não

Por quê?

Você recomendaria a UFSC para realizar curso de formação profissional? *

- Sim
- Não

Por quê?**Você está exercendo atividade profissional atualmente? ***

- Sim, na minha área de formação acadêmica
- Sim, FORA da minha área de formação acadêmica
- Sim, continuei com os estudos (Pós, Mestrado, Doutorado, etc.)
- Não
- Other:

Caso você NÃO exerça atividade profissional na sua área de formação, qual o principal motivo?

- Mercado de trabalho
- Melhor oportunidade em outras áreas
- Falta de conhecimento técnico
- Motivos particulares
- Other:

Quanto tempo houve entre o período de formatura e o início de sua atividade profissional? *

- Menos de 6 meses
- De 6 meses a 1 ano
- De 1 a 2 anos
- Mais de 2 anos
- Other:

Em que circunstâncias você obteve seu trabalho? *

- Estágio
- Trainee
- Seleção de currículo
- Indicação
- Concurso público

Other:

Em que tipo de organização você exerce sua atividade profissional? *

- Autônomo
- Empresa própria
- Empresa privada
- Empresa pública
- Associação, Cooperativa
- Other:

Assinale a(s) área(s) de trabalho que você atuou, ou está atuando? *

- Gerenciamento Agropecuário
- Agricultura - culturas alternativas
- Agricultura - grandes culturas
- Pecuária de Corte
- Pecuária de Leite
- Piscicultura
- Fruticultura
- Apicultura
- Avicultura
- Plantas Medicinais
- Olericultura
- Ovinocultura
- Suinocultura
- Silvicultura
- Topografia
- Engenharia Rural (irrigação, drenagem, construções, etc.)
- Paisagismo e Floricultura
- Extensão rural (iniciativa Privada e Pública)
- Docência (Terceiro grau, Segundo grau e Escolas Agrícolas)
- Pesquisa (iniciativa Privada, Autarquias e Pública)
- Indústria de rações / óleos vegetais

- Indústria de fertilizantes
- Indústria de agroquímicos
- Indústria de laticínios e produtos cárneos
- Projetos de preservação do meio ambiente
- Other:

Que nota você atribui ao seu nível de satisfação, na sua situação profissional atual, quanto ao aspecto financeiro? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

Que nota você atribui ao seu nível de satisfação, na sua situação profissional atual, quanto ao aspecto social? *

1 2 3 4 5

Péssimo Ótimo

Em sua opinião, como avalia a perspectiva profissional na sua área? *

- Ótima
- Boa
- Regular
- Ruim
- Péssima

Informe seu e-mail, caso queira receber os resultados:

Never submit passwords through Google Forms.